



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

PEDRO HENRIQUE DA SILVA RODRIGUES

**O COMPORTAMENTO DA PALATALIZAÇÃO DAS FRICATIVAS
ALVEOLARES [s] E [z] EM CODA SILÁBICA MEDIAL NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO FALADO NA COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DA BAIXA
VERDE - PE**

SERRA TALHADA – PE

2020

PEDRO HENRIQUE DA SILVA RODRIGUES

**O COMPORTAMENTO DA PALATALIZAÇÃO DAS FRICATIVAS
ALVEOLARES [s] E [z] EM CODA SILÁBICA MEDIAL NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO FALADO NA COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DA BAIXA
VERDE - PE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como pré-requisito para obtenção do grau de licenciado em Letras Português/Inglês. Orientadora: Profa. Dra. Renata Livia de Araújo Santos.

SERRA TALHADA – PE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Serra Talhada-PE, Brasil

R696c Rodrigues, Pedro Henrique da Silva
O comportamento da palatalização das fricativas alveolares [s] e [z] em coda silábica medial no português brasileiro falado na comunidade de Santa Cruz da Baixa Verde – PE/ Pedro Henrique da Silva Rodrigues. – 2020. 59f. : il.

Orientadora: Renata Livia de Araújo Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Serra Talhada, BR-PE, 2020.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Sociolinguística 2. Linguagem e línguas 3. Língua portuguesa - Palatalização 4. Processo alveolar 5. Atos de fala (Linguística)
I. Santos, Renata Livia de Araújo, orient. II. Título

CDD 410

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

PEDRO HENRIQUE DA SILVA RODRIGUES

**O COMPORTAMENTO DA PALATALIZAÇÃO DAS FRICATIVAS
ALVEOLARES [s] E [z] EM CODA SILÁBICA MEDIAL NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO FALADO NA COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DA BAIXA
VERDE - PE**

Aprovado em: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Renata Livia de Araújo Santos – UFRPE/UAST
1ª Examinadora/Orientadora

Profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito – UFRPE/UAST
2ª Examinadora

Profa. Dra. Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães – UFRPE/UAST
3ª Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me proporcionou força e coragem para seguir este curso. Agradeço à minha mãe Francisca, e ao meu pai Cícero pelo apoio que me deram ao longo de toda a graduação. Sem a ajuda deles eu não conseguiria realizar este sonho. Agradeço também à minha família, que de certa forma também contribuiu para que eu chegasse até aqui, e que me incentivou muito para sempre estar buscando o conhecimento.

Agradeço imensamente à minha orientadora Renata Livia que me aceitou como orientando, por despertar em mim o interesse pela Sociolinguística Variacionista, por toda a paciência que sempre teve em relação às minhas dúvidas, e principalmente, por sempre estar me incentivando.

Agradeço em especial à minha amiga Mônica Jaíne, que me ajudou na coleta e transcrição dos dados, quando ainda estávamos realizando as atividades do GETEGRA, e eu ainda nem pensava em transformar aquele trabalho lindo em trabalho de conclusão de curso. Além de tudo isso, ela foi muito importante para mim, não só no âmbito acadêmico, mas na vida pessoal também.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas da minha turma de Letras da UAST, especialmente Maria Auxiliadora e Taís Siqueira, que além de me darem muito apoio na vida acadêmica, foram muito além disso, tornaram-se grandes amigas, pois me deram muito suporte e força em momentos difíceis.

Gratidão define tudo por todas essas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação, que foi além da academia, aprendi muito também como ser humano.

RESUMO

Este trabalho analisa o comportamento da palatalização das fricativas alveolares [s] e [z] em coda silábica medial no português brasileiro falado na comunidade de Santa Cruz da Baixa Verde - PE, sob os panoramas teórico-metodológicos da Teoria da Variação Laboviana. As formas alternativas analisadas em relação ao comportamento da palatalização das fricativas alveolares compreendem: fricativa alveolar não-vozeada [s], fricativa alveolar vozeada [z], fricativa alveopalatal não-vozeada [ʃ] e fricativa alveopalatal vozeada [ʒ]. Esta pesquisa apresenta como objetivo principal descrever os fatores estruturais e sociais que condicionam a variação aqui em estudo e revela-se importante pelo fato de até então não se ter uma pesquisa sobre o fenômeno linguístico em questão na referida comunidade de fala. Os fatores linguísticos analisados foram o contexto precedente e o contexto seguinte. O *corpus* utilizado foi extraído de entrevistas com informantes da cidade estudada e foi dividido de acordo com os grupos de fatores extralinguísticos faixa etária, sexo e nível de escolarização. Também são analisadas variáveis linguísticas que podem influenciar na variação. Os resultados mostraram que entre as variantes [s] e [ʃ], a última foi mais realizada, principalmente diante de [t], consoante que se mostrou como fator favorecedor do fenômeno da palatalização na comunidade de fala. Entre [z] e [ʒ], a primeira foi a que apresentou mais casos, ou seja, a variante não-palatalizada predominou.

Palavras-Chave: Sociolinguística, palatalização, fricativas alveolares.

ABSTRACT

This work analyzes the behavior of the palatalization of alveolar fricatives [s] and [z] in medial syllabic coda in Brazilian Portuguese spoken in the community of Santa Cruz da Baixa Verde - PE, under the theoretical-methodological panoramas of the Theory of Labovian Variation. The alternative forms analyzed in relation to the behavior of palatalization of alveolar fricatives include: unvoiced alveolar fricative [s], voiced alveolar fricative [z], unvoiced alveopalatal fricative [ʃ] and voiced alveopalatal fricative [ʒ]. This research has as main objective to describe the structural and social factors that condition the variation under study and is revealed important because until now there has been no research on the linguistic phenomenon in question in that speech community. The linguistic factors analyzed were the preceding context and the following context. The *corpus* used was extracted from interviews with informants from the city studied and was divided according to the groups of extralinguistic factors: age, sex and level of education. Linguistic variables that can influence the variation are also analyzed. The results showed that among the [s] and [ʃ] variants, the last one was more performed, mainly in front of [t], as it proved to be a factor favoring the palatalization phenomenon in the speech community. Between [z] and [ʒ], the first presented the most cases, that is, the non-palatalized variant predominated.

Key-Words: Sociolinguistic, palatalization, alveolar fricatives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação geral do aparelho fonador humano.....	14
Figura 2: Órgãos articulatórios ativos e passivos do aparelho fonador humano.....	15
Figura 3: Localização do município de Santa Cruz da Baixa Verde - PE.....	24

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual do fenômeno da palatalização na comunidade de fala de Santa Cruz da Baixa Verde – PE.....	28
Gráfico 2: Percentual da variação de [s].....	29
Gráfico 3: Percentual da variação de [z].....	29
Gráfico 4: Percentual da ocorrência de [s] e [ʃ] depois de vogais.....	33
Gráfico 5: Percentual da ocorrência de [z] e [ʒ] depois de vogais.....	35
Gráfico 6: Percentual da ocorrência de [s] e [ʃ] diante de [p], [t] e [k].....	38
Gráfico 7: Percentual da ocorrência de [z] e [ʒ] diante de [b], [d], [g], [m], [n] e [l].....	40
Gráfico 8: Percentual das variantes [s] e [ʃ] de acordo com a faixa etária.....	42
Gráfico 9: Percentual das variantes [z] e [ʒ] de acordo com a faixa etária.....	43
Gráfico 10: Percentual das variantes [s] e [ʃ] conforme a escolaridade.....	45
Gráfico 11: Percentual das variantes [z] e [ʒ] conforme a escolaridade.....	46
Gráfico 12: Percentual das variantes [s] e [ʃ] de acordo com o sexo.....	47
Gráfico 13: Percentual das variantes [z] e [ʒ] de acordo com o sexo.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] depois de vogais.....	32
Quadro 2: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] depois de vogais.....	34
Quadro 3: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] diante de [p], [t] e [k].....	37
Quadro 4: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] diante de [b], [d], [g], [m], [n] e [l].....	39
Quadro 5: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] de acordo a faixa etária.....	41
Quadro 6: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] de acordo a faixa etária.....	42
Quadro 7: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] conforme a escolaridade.....	44
Quadro 8: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] conforme a escolaridade.....	45
Quadro 9: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] de acordo com o sexo.....	47
Quadro 10: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] de acordo com o sexo.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. AS FRICATIVAS ALVEOLARES NÃO-VOZEADAS E VOZEADAS E SUAS VARIACÕES.....	14
1.1 Descrição fonético-fonológica das fricativas alveolares não-vozeadas e vozeadas.....	14
1.2 Descrição da formação dos fones [s] e [z].....	15
1.3 As variantes dos fonemas /s/ e /z/.....	16
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	18
2.1 A Sociolinguística Variacionista de Labov.....	18
2.2 A metodologia desta pesquisa.....	21
2.3 Seleção dos informantes.....	22
2.4 A comunidade de fala.....	23
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	26
3.1 Variáveis linguísticas que podem proporcionar a palatalização de [s] e de [z].....	30
3.1.1 Contexto precedente.....	30
3.1.2 Contexto seguinte.....	35
3.2 Variáveis extralinguísticas que podem proporcionar a palatalização de [s] e de [z].....	41
3.2.1 Faixa etária.....	41
3.2.2 Escolaridade.....	44
3.2.3 Sexo.....	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICES.....	54
Apêndice A – Ficha Social do Informante.....	54
Apêndice B – Roteiro das Entrevistas e Tópicos Discursivos.....	56
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	58

INTRODUÇÃO

A palatalização é um fenômeno fonético-fonológico que ocorre na língua portuguesa, frequentemente estudado por pesquisadores da área da fonologia, que consiste na variação da articulação de algumas consoantes, ou seja, que variam o seu ponto de articulação primário para a região palatal (palato duro) ou proximidades.

Foram realizados estudos sobre o fenômeno linguístico em questão, a palatalização, que apontam a sua ocorrência em algumas regiões do Brasil, principalmente nas regiões metropolitanas litorâneas, como em Recife - PE e Rio de Janeiro - RJ, como mostram os estudos de Callou e Morais (1995), e que integraram o artigo “Processo de Palatalização das Fricativas na Língua Portuguesa”, publicado na Revista nº 2 do GELNE, do ano 1999, que também mostra estudos de outros autores sobre esse fenômeno. A palatalização ocorre com mais frequência nas regiões anteriormente citadas, e algumas restrições em outras localidades do Brasil, como São Paulo - SP e Salvador - BA, como mostra o estudo citado, que parece ser o caso da comunidade de fala de Santa Cruz da Baixa Verde - PE.

A importância deste trabalho é justificada pelo fato de até então não se ter uma pesquisa sobre o fenômeno linguístico da palatalização na referida comunidade de fala, e que é importante para se compreender a frequência com que se acontece, e com qual segmento consonantal ([s] ou [z]) ocorre mais, e o que mais propicia o acontecimento de tal fenômeno. Em outras palavras, este estudo faz-se importante para compreendermos melhor a fala dos moradores de Santa Cruz da Baixa Verde - PE, especialmente o uso da palatalização.

Tivemos como base para elaboração deste estudo os pressupostos da Teoria da Sociolinguística Variacionista de Labov (2008 [1972]), porque entendemos que a língua é uma entidade “viva” que está em constantes mudanças que se dão através das relações humanas em suas diversas formas de utilização.

A partir deste trabalho, temos como objetivo verificar quantitativamente a ocorrência do fenômeno da palatalização de [s] e [z], com o intuito de observar qual das duas consoantes tem maior tendência ao acontecimento do referido fenômeno, e os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam tal variação no falar da comunidade santa-cruzense.

Partindo desses objetivos, levantamos como hipóteses, a partir de observações prévias dos dados, antes da quantificação oficial para análise mais detalhada levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar propiciando o fenômeno linguístico em questão, que a consoante [s] tem mais tendência a ser palatalizada pela grande maioria dos moradores da comunidade de fala, e [z] é palatalizada em um número bem menor de vezes, e por um grupo bem menor de pessoas, especificamente, espera-se que a palatalização dessa consoante seja realizada mais pelas mulheres. Os fatores que podem ocasionar a realização do fenômeno na comunidade são os fatores extralinguísticos, faixa etária, escolaridade e sexo, e os grupos de fatores linguísticos, contexto precedente e contexto seguinte.

1. AS FRICATIVAS ALVEOLARES NÃO-VOZEADAS E VOZEADAS E SUAS VARIAÇÕES

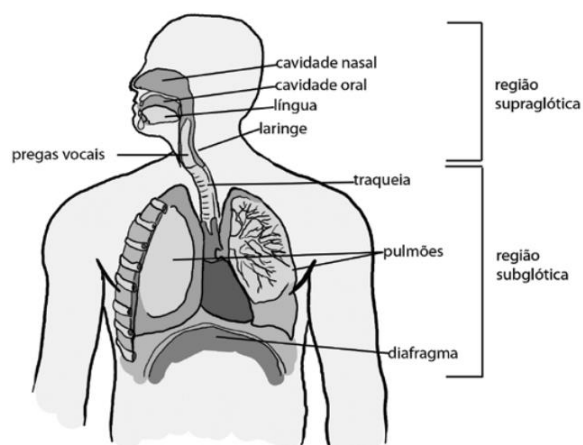
Neste capítulo, apresentamos as consoantes que sofrem o fenômeno da palatalização e suas variantes. O capítulo está dividido em três partes. Na primeira parte, descrevemos as fricativas alveolares não-vozeadas e vozeadas. Na segunda, descrevemos a formação dos fones [s] e [z]. E na terceira parte, falamos sobre as variantes das consoantes [s] e [z].

1.1 Descrição fonético-fonológica das fricativas alveolares não-vozeadas e vozeadas

As consoantes fricativas alveolares não-vozeadas e vozeadas, representadas ortograficamente pelas letras “s” e “z”, fazem parte dos sons do português brasileiro, e fazem parte do sistema consonantal da Língua Portuguesa. Também conhecidas como sibilantes, as fricativas alveolares “pertencem ao subgrupo das consoantes em cuja produção percebe-se um ruído de fricção gerado pelo estreitamento do trato oral. Esse ruído é igualmente percebido na produção das chiantes ou fricativas palatoalveolares.” (ŠMAICLOVÁ, 2010, p.34) No Alfabeto Fonético Internacional, esses fonemas são representados igualmente sua ortografia [s] e [z].

Em relação à descrição desses fones, eles podem ser classificados de acordo com o ponto de articulação (lugar onde é produzido), vozeamento (não-vozeado e vozeado) e modo de articulação (como o ar é obstruído para a produção do som).

Figura 1: Representação geral do aparelho fonador humano



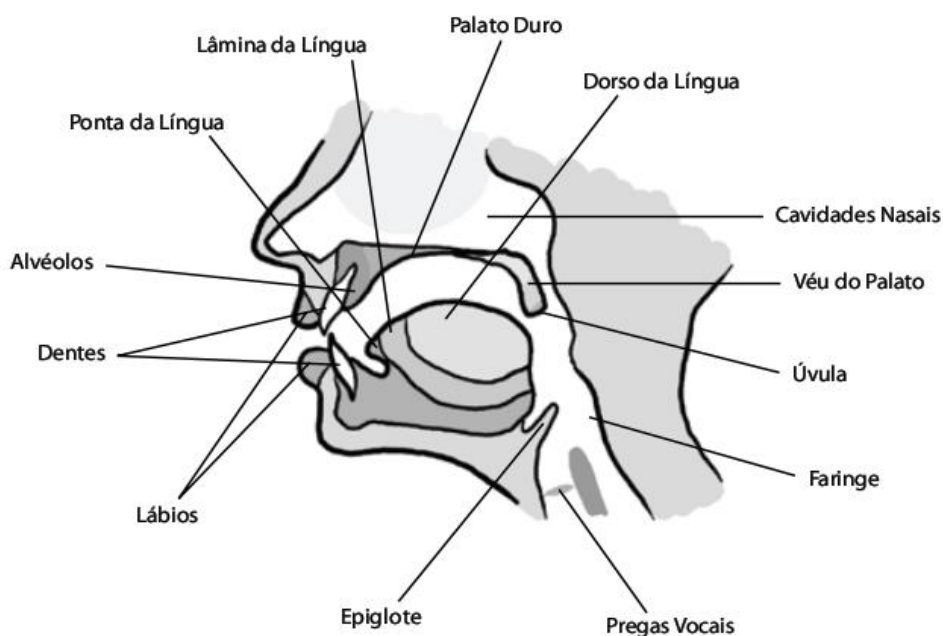
Fonte: PARKER, 2007, p.137 *apud* SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.18

1.2 Descrição da formação dos fones [s] e [z]

Segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), as fricativas são os sons consonantais produzidas a partir do estreitamento do canal bucal, ou seja, o bloqueio parcial do ar feito por órgãos articuladores. Esse bloqueio parcial de ar vindo dos pulmões em direção às cavidades supraglóticas geram sons a partir de um ruído de fricção. “O véu do palato encontra-se levantado, e o fluxo de ar é encaminhado apenas para a cavidade oral [...]” (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.53) Quando o ar vindo dos pulmões chega à cavidade bucal, acontece a obstrução parcial desse ar ocasionado pela ação de órgãos articuladores.

Os órgãos articuladores que produzem os sons das fricativas [s] e [z] na cavidade bucal são a língua (órgão articulatorio ativo¹) e os alvéolos (órgão articulatorio passivo²), sendo que o som dessas duas consoantes é produzido a partir da fricção da ponta da língua nos alvéolos. A única coisa que difere os dois fones, é o vozeamento: [s] é não-vozeada e [z] é vozeada, ou seja, para o som de [z] diferir do som de [s], é necessário a vibração das pregas vocais no momento de sua produção. Por exemplo: ['kasə] (caça) e ['kazə] (casa).

Figura 2: Órgãos articulatorios ativos e passivos do aparelho fonador humano



Fonte: SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.19

¹ O órgão que se move para a produção do som.

² O órgão que é tocado ou friccionado pelo órgão articulatorio ativo para a produção do som.

1.3 As variantes dos fonemas /s/ e /z/

Falamos em variantes fonológicas (alofones) quando “A troca de um som pelo outro não produz mudança de significado” (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.73), ou seja, determinado som de uma palavra pode sofrer uma certa variação de pronúncia, mas que não altera o significado da mesma. Por exemplo, a palavra ['kaskə] (casca), pronunciada dessa forma na maior parte do Brasil, pode sofrer uma variação no som de [s], sendo realizada sua pronúncia como ['kaʃkə], falada em alguns lugares do Brasil como nas cidades do Rio de Janeiro - RJ e Recife - PE. Percebemos então que apesar da produção ser um pouco diferente, as duas querem dizer a mesma coisa, “parte superficial e protetora dos troncos, dos galhos e dos ramos, rica em cortiça e em tanino” (de acordo com o Dicio, Dicionário Online de Português). “Nessa situação, tais sons são considerados variantes fonológicas ou alofones de um mesmo fonema [...]” (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.73).

O mesmo acontece também com [z], que pode variar para [ʒ] em algumas regiões do Brasil. Por exemplo, ['mezmu] (mesmo) pode variar para ['mezʒmu]. Notamos que ambas as palavras querem dizer a mesma coisa. O que difere as duas é apenas o som de [z], que passa a ser pronunciado como [ʒ], ou vice-versa. Portanto, [s], [z], [ʃ] e [ʒ] são alofones, em termos fonético-fonológicos, pois podem representar a variação de um determinado som numa mesma palavra, e são variantes, em termos sociolinguísticos, que de acordo com Salomão (2011, p.191) “O termo variante é utilizado nos estudos de Sociolinguística para designar as formas que estão sofrendo variação, ou seja, uma ou mais formas usadas ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico.”

Quanto à produção dos fones [ʃ] e [ʒ], o único traço que os diferem de [s] e [z], já que todas são fricativas, é apenas o ponto de articulação. Os fones [s] e [z] são produzidos nos alvéolos, já [ʃ] e [ʒ], no palato duro.

Em geral, usa-se um desses alofones para representar o fonema. A escolha desse representante é feita em função de sua maior presença na língua (ou seja, qual dos alofones seria mais comum) ou na facilidade de explicação levando em conta princípios mais naturais, quer articulatorios ou em relação ao equilíbrio de valores fonológicos dentro de sistemas linguísticos. (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.73-74)

O fonema é representado por um alofone que tenha um uso mais comum. Por exemplo, no português brasileiro (PB), pronuncia-se mais o [s] antes de consoantes não-vozeadas (como [t] e [k]) do que [ʃ], no mesmo caso. Em palavras como [istu'da] (estudar) e [is'kadə] (escada), no PB pronuncia-se na maioria das vezes o som de [s] e não de [ʃ]. Portanto, a representação ortográfica desse fonema será feita por “s”.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, abordamos a teoria e a metodologia da pesquisa Sociolinguística. O mesmo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, falamos sobre a teoria da Sociolinguística Variacionista de Labov, um pouco de sua história e alguns estudos feitos pelo instituidor da Sociolinguística. Na segunda parte, abordamos sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa. Na terceira, falamos como foi o processo de seleção dos informantes. E por fim, apresentamos a comunidade de fala, onde foram coletados os dados para a realização da pesquisa.

2.1 A Sociolinguística Variacionista de Labov

A Sociolinguística nasceu em meados do século XX, e tem como “pai” o linguista norte-americano William Labov. Antes do surgimento dessa corrente, já existiam os estudos de Chomsky e Saussure, que abordavam suas teorias do Gerativismo e Estruturalismo, respectivamente, que abandonavam a heterogeneidade da língua. “[...] os sociolinguistas rompem incisivamente com uma tendência linguística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura [...]” (BRIGHT, 1974, p. 18, *apud* SANTOS & VITÓRIO, 2011). A Sociolinguística rompe inicialmente com essas ideias de que a língua era homogênea e tinha uma forma padrão, mostrando que a mesma sofre variações, e tais variações são “criadas” por falantes nativos da própria língua.

A sociedade é construída por linguagem, e a linguagem é constituída de sociedade. De acordo com Labov, a linguagem e a sociedade estão fortemente ligadas, sendo que essa relação é a base para a comunicação humana.

[...] a Sociolinguística é marcada por uma heterogeneidade original e pode ser vista como o ponto de partida de novas correntes e orientações de pesquisas centradas no funcionalismo linguístico, ou seja, no fato do fenômeno linguístico está relacionado ao contexto social e cultural (SANTOS & VITÓRIO, 2011).

Partindo dos pressupostos de Labov (2008 [1972]), percebe-se que a linguagem é construída a partir das vivências sociais, e essas vivências acabam perpetuando a

língua através do tempo e do espaço, sendo que as formas e variações acompanham essas condições e sofrem variações e/ou mudanças conforme a sociedade se transforma.

A Sociolinguística procura descrever e explicar o uso da língua tendo como ponto de partida as interações verbais dos indivíduos em circunstâncias reais de comunicação, ou seja, procura analisar os fenômenos linguísticos em situações comunicativas reais, levando em consideração o evento de fala, seus participantes e o contexto social. (SANTOS & VITÓRIO, 2011)

Vemos então que os estudos sociolinguísticos têm como objeto de estudo a língua em suas situações reais de uso, pois abordam uma descrição das variações da língua, e procura explicar os fatores que façam com que aconteçam certas mudanças na maneira de falar dos indivíduos.

Incluso à Sociolinguística, temos a Teoria da Variação e Mudança Linguística, ou, Sociolinguística Quantitativa, um modelo de descrição e análise linguística, com bases teóricas e metodológicas, que aborda a língua e seu uso social. “A Teoria da Variação e Mudança Linguística trata, portanto, da variação e da mudança linguística e contempla os usos variáveis de fenômenos da linguagem em seu contexto social” (SANTOS & VITÓRIO, 2011). Percebemos então que essa hipótese leva em consideração os fatores não-linguísticos que levam a uma variação e/ou mudança, pois preocupa-se na maneira como a sociedade influi na fala dos indivíduos. É interessante destacar que:

A Sociolinguística laboviana vem mostrar o caráter heterogêneo e variável das estruturas linguísticas e defender que tais estruturas têm uma organização gramatical, ou seja, seguem regras e têm formas lógicas linguísticas perfeitamente demonstráveis sendo possível seu estudo dentro do campo linguístico (SANTOS & VITÓRIO, 2011).

Como sabemos que a variação da língua é o objeto de estudo e análise da Sociolinguística, uma variável tem um enorme potencial de desencadear uma mudança, pois variação e mudança são duas concepções distintas. Na teoria laboviana, o termo mudança passa a caracterizar os estudos que ocorrem em uma língua de maneira diacrônica, ou seja, a observação das mudanças que ocorrem em uma língua no decorrer do tempo. Por exemplo, “vossa mercê” mudou para “vossemecê”, em seguida para “vosmecê”, e atualmente usamos “você”. Já a variação, é o uso de palavras diferentes (“você” pode variar com “tu”, ou até mesmo, “você” pode variar com “ocê” ou “cê”),

mas que têm o mesmo significado, ou seja, são utilizadas para se dizer a mesma coisa. Uma variação pode tornar-se permanente, passando a ser uma mudança. De acordo com Santos e Vitória (2011) “evidencia-se que toda mudança na língua advém de uma variação, mas nem toda variação implica mudança.” A partir disso, percebemos a importância de se conhecer e analisar variantes que venham a se tornar mudança, e não apenas variação, tendo em vista que há variações concorrentes na língua, e que uma sempre predomina a outra.

No estudo da mudança linguística é preciso determinar tanto as possíveis mudanças e as possíveis condições para a mudança, que podem ocorrer em uma estrutura quanto a possível direção que essas mudanças podem tomar; estabelecer, passo a passo, como se dá a mudança de uma estrutura para uma outra estrutura; determinar que as mudanças linguísticas devem estar encaixadas tanto na estrutura linguística como na estrutura social; estabelecer as correlações subjetivas entre a sociedade e as variáveis em uma estrutura heterogênea; estabelecer que a mudança na língua se inicia quando um dos traços característicos da variação é comum a um subgrupo da comunidade linguística (SANTOS & VITÓRIO, 2011).

Para a realização do estudo de mudança linguística, deve-se levar em consideração as condições que fazem com que ocorram tal mudança, e as prováveis variações que venham a ocorrer ou que já ocorrem de acordo com tais condições, considerando também que a língua é “viva” e entidade social, que permite a interação entre os indivíduos que dela se utilizam, indivíduos esses que carregam determinados fatores que propiciam variações, tornando a língua heterogênea.

A palatalização de [s] e [z] na comunidade de fala de Santa Cruz da Baixa Verde - PE parece ser um caso de variação linguística, tratando-se do [s], e, provavelmente também parece ser um processo de mudança, no caso de [z], tendo em vista que essa consoante é palatalizada em menor número.

A língua pode sofrer variações linguísticas nos níveis fonético-fonológico, sintáticos, semânticos, e até mesmo, discursivos. A palatalização, acontecimento aqui discutido, é um fenômeno de variação fonético-fonológico. Além dessas influências de campo linguístico, também há as variações que são impulsionadas pelo meio social (faixa etária, escolaridade, sexo), as chamadas variáveis extralinguísticas.

Após conhecer um pouco sobre os princípios da Sociolinguística Variacionista, a seguir, faremos a descrição de como foi o método utilizado nesta pesquisa.

2.2 A metodologia desta pesquisa

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa é de natureza quantitativa e segue os princípios metodológicos da Sociolinguística Quantitativa, de Labov (2008 [1972]).

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi extraído de 23 entrevistas realizadas por meio de um grupo de pesquisa, o GETEGRA (Grupo de Estudos em Teoria da Gramática), no período de 08 de fevereiro de 2018 a 23 de maio de 2018, na comunidade de fala de Santa Cruz da Baixa Verde - PE. A coleta dos dados foi feita por dois pesquisadores, sendo que um deles entrevistou 12 pessoas, e o outro entrevistou 11 pessoas. No tópico “Seleção dos informantes”, explicaremos o porquê do número de entrevistados ser diferente para os dois pesquisadores.

Para conseguirmos os informantes, fizemos um levantamento de algumas pessoas que teriam o interesse de participar da coleta de dados, e entramos em contato para convidá-las. Depois que os informantes aceitaram o convite, marcamos gradativamente data e horário em que eles teriam disponibilidade para nos receber.

As entrevistas aconteceram nas residências dos informantes, para assim proporcionar uma maior espontaneidade na fala deles. Sempre que chegávamos na casa de cada informante, falávamos sobre a pesquisa, qual o objetivo, e apresentávamos a ficha social do informante (ficha de coleta de dados) e o termo de consentimento livre e esclarecido, que nos permitia realizar e armazenar a gravação para posterior uso acadêmico-científico.

O procedimento das entrevistas aconteceu da seguinte forma: iniciávamos fazendo perguntas sobre os dados pessoais e preferências de cada informante (ficha social, que também foi preenchida posteriormente em documento Word de acordo com as respostas do informante), depois partíamos para a entrevista e por último os tópicos discursivos.

As perguntas³ das entrevistas eram diferentes para cada faixa etária (F1, F2 e F3)⁴, mas também havia perguntas em comum para todas as faixas etárias. Já os tópicos discursivos eram iguais para todas as faixas etárias. Os tópicos discursivos eram temas⁵

³ Todas as perguntas e tópicos discursivos realizados nas entrevistas podem ser consultados nos apêndices, no final deste trabalho.

⁴ F1 – 15 a 30 anos; F2 – 35 a 50 anos e F3 – 55 a 70 anos de idade.

⁵ Foram realizados 6 tópicos discursivos em cada entrevista.

em que os informantes poderiam opinar, assim tendo um maior espaço para falar, socializar, comparar, trazer fatos e o que achasse relevante.

Após o informante ter falado sobre todos os tópicos discursivos, a gravação era finalizada, e pedíamos para que ele assinasse o termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias de igual teor: uma ficaria com o informante, e a outra ficaria com a professora orientadora do GETEGRA, responsável pela execução da atividade.

Depois que todas as entrevistas foram gravadas, o seguinte passo foi a transcrição dos dados. A transcrição dos dados foi feita de maneira minuciosa: ouvimos cada entrevista cinco vezes, com o objetivo de representar a fala dos informantes da forma mais fiel possível.

Para o procedimento de transcrição dos dados, utilizamos as convenções adotadas do modelo usado no PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), vinculado à PGLL/FALE/UFAL (Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas), que de acordo com o mesmo, todas as entrevistas gravadas tiveram transcrição ortográfica, ou seja, seguimos a ortografia oficial, mas fazendo adaptações para representar as características da fala de cada indivíduo. Nas palavras em que o fenômeno estudado ocorria, demos uma atenção ainda mais especial e fizemos a transcrição fonética desses dados.

Os dados das transcrições foram analisados quantitativamente, de forma manual, ou seja, sem o auxílio de programas computacionais, a partir das observações da ocorrência do fenômeno da palatalização na fala dos informantes, com o objetivo de identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ocasionar a realização do fenômeno em discussão.

2.3 Seleção dos informantes

Como dito anteriormente, esta pesquisa contou com a colaboração de 23 informantes, que foram organizados por divisão de faixa etária (idade), escolaridade e sexo. A variável social idade foi composta por três faixas etárias: F1 – 15 a 30 anos, F2 – 35 a 50 anos e F3 – 55 a 70 anos; a variável escolaridade foi dividida em: Ensino Básico (em andamento ou concluído) e Ensino Superior (também em andamento ou concluído), e a variável sexo: masculino e feminino.

Cada informante deveria se encaixar em todas as variáveis descritas, formando assim as células sociais. Para cada célula social, foram entrevistados 2 informantes, com

exceção do informante 22 (sexo masculino, faixa etária entre 55 e 70 anos com escolaridade de ensino superior), que não foi encontrado ninguém mais com o perfil no município, além do informante 10 (que também possuía as mesmas características). Portanto, um pesquisador conseguiu realizar as 12 entrevistas, e o outro realizou 11, devido a essa dificuldade de se encontrar informante com esse perfil no município até o momento da realização da coleta.

Esse critério de divisão se justifica pela necessidade de se analisar de forma sincrônica, e representar a comunidade de fala nas variáveis mais relevantes, que servem de amostra do português brasileiro falado pelos habitantes do município de Santa Cruz da Baixa Verde - PE.

2.4 A comunidade de fala⁶

Apresentamos a seguir algumas informações que consideramos relevantes acerca da comunidade de fala em estudo a fim de a conhecermos melhor e, quem sabe, procurar compreender também os dados linguísticos da comunidade a partir dessas informações.

Santa Cruz da Baixa Verde é um município localizado na Mesorregião do Sertão Pernambucano (Microrregião do Pajeú), composto pela sua sede, um distrito e sítios circunvizinhos, distante a 445 km da capital estadual Recife. É um município considerado novo, foi emancipado no dia 1º de outubro de 1991, pela lei estadual nº 10.620, quando foi desmembrado do município de Triunfo - PE. Sua população estimada é de 12.592 hab. (Estatísticas do IBGE 2019), e sua densidade demográfica é de 102,39 hab/km² (IBGE 2010). Tem área territorial 114, 932 Km², limitando-se ao norte com o estado da Paraíba, ao sul com os municípios de Serra Talhada e Calumbi, a leste com o município de Triunfo, e a oeste com o município de Serra Talhada.

⁶As informações apresentadas neste tópico foram obtidas no site do IBGE (2020) [através da plataforma digital Google], em um livro didático de geografia, chamado Geografia de Pernambuco, de Célia Siebert (2005), como também a partir de conhecimentos próprios, por ser morador do município.

Figura 3: Localização do município de Santa Cruz da Baixa Verde - PE

Fonte: Google (Adaptado)

Tem altitude de 900m acima do nível do mar. Seu clima é mediterrânico, mas apesar de ser seco no verão, as temperaturas são mais amenas do que em outros locais do Sertão, com uma média de 25° C. Isso influi na paisagem, que apresenta uma vegetação na maior parte do ano sempre verde.

A principal fonte de economia do município é a agricultura, tendo como produto principal a cana-de-açúcar, devido ao clima ameno mesmo no verão, provocando chuvas regulares e temperaturas mais aprazíveis. Surgem então áreas de solo fértil, o que favorece a produção de diversos alimentos. No ambiente rural do município, é produzida a principal fonte de renda econômica: a rapadura, derivada da cana-de-açúcar. Com vários engenhos e produção bastante significativa, Santa Cruz da Baixa Verde é hoje um dos maiores produtores de rapadura do Brasil, e é conhecido como “Capital da Rapadura”. Tanto que é realizada anualmente a “Feira da Rapadura”, festa bastante tradicional no município, realizada desde o ano de 1996. A Feira da Rapadura movimentava mais ainda a economia do município, por atrair vários turistas no período da festa, e por divulgar os produtos feitos na região no próprio evento. Essa festa é realizada geralmente no mês de outubro, e conta com exposição em estandes de produtos alimentícios derivados da cana-de-açúcar, produtos artesanais, entre outros.

São também apresentadas ao público atrações culturais regionais e shows com cantores/as e/ou bandas de nível regional e/ou nacional.

Outros produtos agrícolas também importantes na economia do município são: banana, fava, feijão, goiaba, laranja, limão, mamão, mamona, mandioca, manga e milho. Além da produção agrícola, Santa Cruz da Baixa Verde também conta com produção pecuária e avicultura, como: bovinos, caprinos, galináceos, ovinos e suínos.

O município de Santa Cruz da Baixa Verde não conta com instituições de ensino técnico e superior, apenas com escolas, onde são ofertados aos estudantes somente os ensinos Fundamental e Médio. Os jovens que querem fazer uma graduação ou curso técnico têm que se deslocar até a cidade de Serra Talhada - PE, podendo assim, se qualificarem profissionalmente.

Mesmo sendo um município pequeno em extensão territorial, Santa Cruz da Baixa Verde possui alguns pontos turísticos bastante significativos, como os engenhos de rapadura, os riachos que possuem alguns poços chamados de “Furna”, “Poço dos Cavalos”, entre outros, que correm água durante cerca de 6 meses do ano (período chuvoso). Há ainda o Portal de Entrada da Cidade, a Praça da Matriz, a Lagoa do Sítio Santa Luzia, a Cratera da Panela, a Serra do Pão, e ainda, os mirantes.

Tendo conhecido um pouco a Sociolinguística Variacionista, a metodologia da pesquisa, como foi a seleção dos informantes, e conhecido a comunidade de fala, agora partiremos para a análise dos dados.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, temos como objetivo quantificar os dados coletados nas 23 entrevistas realizadas com os informantes do município de Santa Cruz da Baixa verde - PE, com a finalidade de compreender a ocorrência do fenômeno da palatalização, e os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ocasionar a realização do fenômeno nessa comunidade de fala.

Para a quantificação dos dados, foram levadas em consideração as ocorrências e não-ocorrências da palatalização de [s] em coda silábica medial, e [z] também em coda silábica medial, tendo em vista que fizemos análise prévia dos dados para a escolha do fenômeno analisado, e a partir disso, percebemos que a palatalização de [s] é bastante frequente, e de [z] não é tão frequente. Decidimos abordar também o uso do [z] para que pudéssemos fazer uma análise sobre os fatores que poderiam propiciar a realização do fenômeno mais em uma consoante do que em outra. No *corpus* utilizado na pesquisa, houve também alguns casos de apagamento de [z], e mudança de [z] para [h], em contexto que poderia ocorrer a palatalização, mas que não foram levados em consideração por se tratar de outros fenômenos fonológicos. Portanto, para contabilização dos casos do fenômeno da palatalização nesta pesquisa, levamos em consideração a ocorrência de [s] e [z] e suas variantes em contexto medial.

Foram contabilizados no *corpus* a utilização de 612 palavras que ocorreram e não ocorreram o fenômeno da palatalização de [s], e 122 palavras que ocorreram e não ocorreram a palatalização de [z]. Abaixo, podemos ver alguns exemplos⁷ de casos que ocorreram e não ocorreram o fenômeno da palatalização das consoantes supracitadas:

Casos que não ocorreram palatalização de [s]:

1. ['gɔstʊ] gosto (I11SFF3EB)⁸
2. [is'tradɐ] estrada (I11SFF3EB)
3. ['postʊ] posto (I11SFF3EB)

⁷ Todos os exemplos utilizados neste capítulo foram extraídos do *corpus* da própria pesquisa.

⁸ As informações que estão entre parênteses logo após os exemplos estão relacionadas com informações sociais dos informantes: primeiro aparece a numeração do informante que usou durante a coleta de dados a palavra exemplificada (I11), em seguida o sexo (SF), a faixa etária (F3) e a escolaridade do informante (EB), conforme nossas variáveis sociais.

Casos que ocorreram palatalização de [s]:

4. [hɛ'viʃtə] revista (I1SMF1EB)
5. [ĩʃtitui'sõis] instituições (I4SFF1ES)
6. [heʃ'peitɔ] respeito (I14SMF1ES)

Casos que não ocorreram palatalização de [z]:

7. [ha'sizmɔ] racismo (I6SMF2ES)
8. [ĩfeliz'mêti] infelizmente (I8SFF2ES)
9. ['mezmɔ] mesmo (I12SFF3ES)

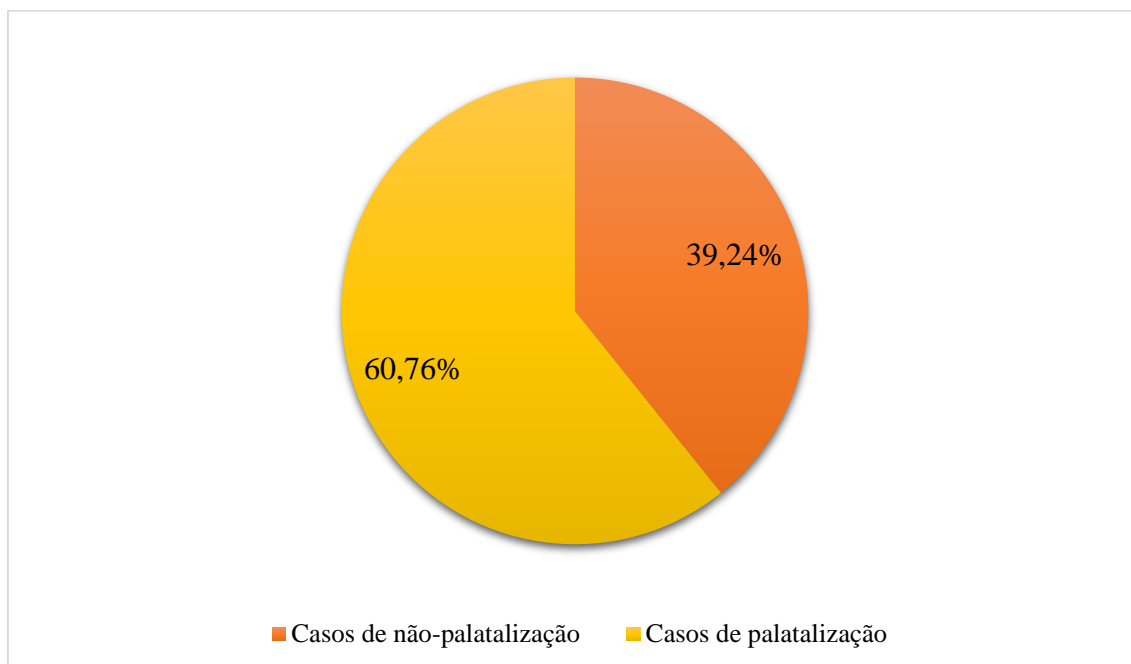
Casos que ocorreram palatalização de [ʒ]:

10. ['meʒmɔ] mesmo (I7SFF2EB)
11. [ha'siʒmɔ] racismo (I14SMF1ES)
12. ['deʒdɪ] desde (I14SMF1ES)

No *corpus* da pesquisa, observamos a predominância da fricativa alveopalatal não-vozeada ([ʃ]), especificamente 432 vezes, contra 180 vezes de sua concorrente correspondente, a fricativa alveolar não-vozeada ([s]), sendo que a primeira ([ʃ]) corresponde à forma palatalizada. Em relação à fricativa alveolar vozeada ([z]), sua ocorrência foi de 108 vezes, contra 14 vezes da sua concorrente correspondente, a fricativa alveopalatal vozeada ([ʒ]), que corresponde à forma palatalizada.

No gráfico a seguir, vemos os casos de ocorrência e de não-ocorrência da palatalização no falar santa-cruzense.

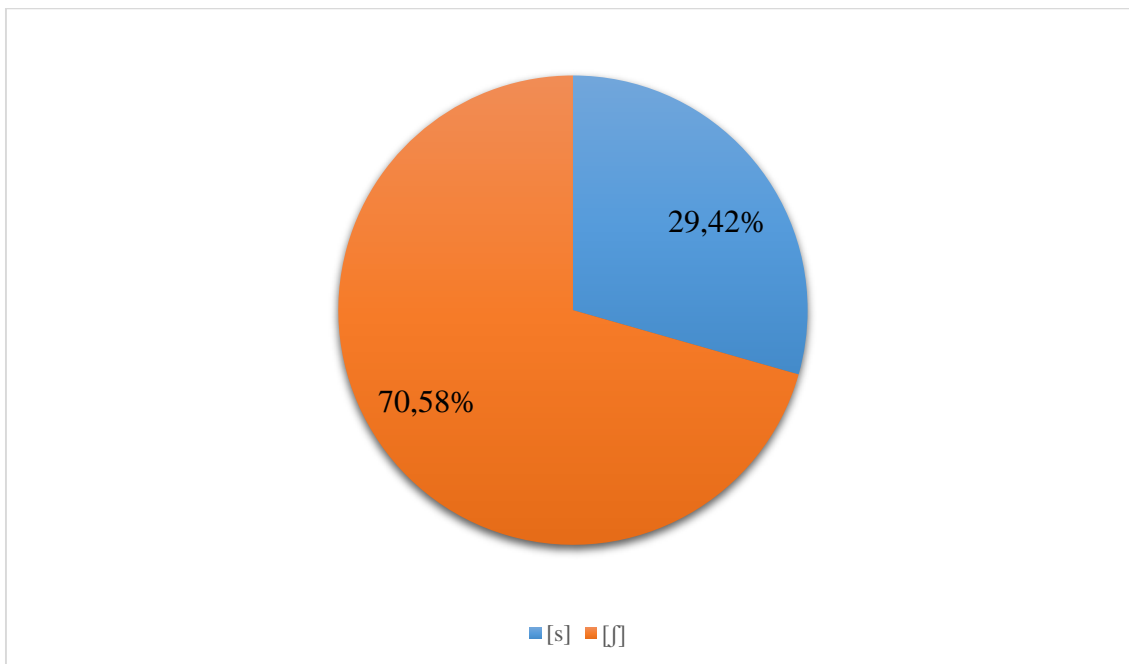
Gráfico 1: Percentual do fenômeno da palatalização na comunidade de fala de Santa Cruz da Baixa Verde - PE



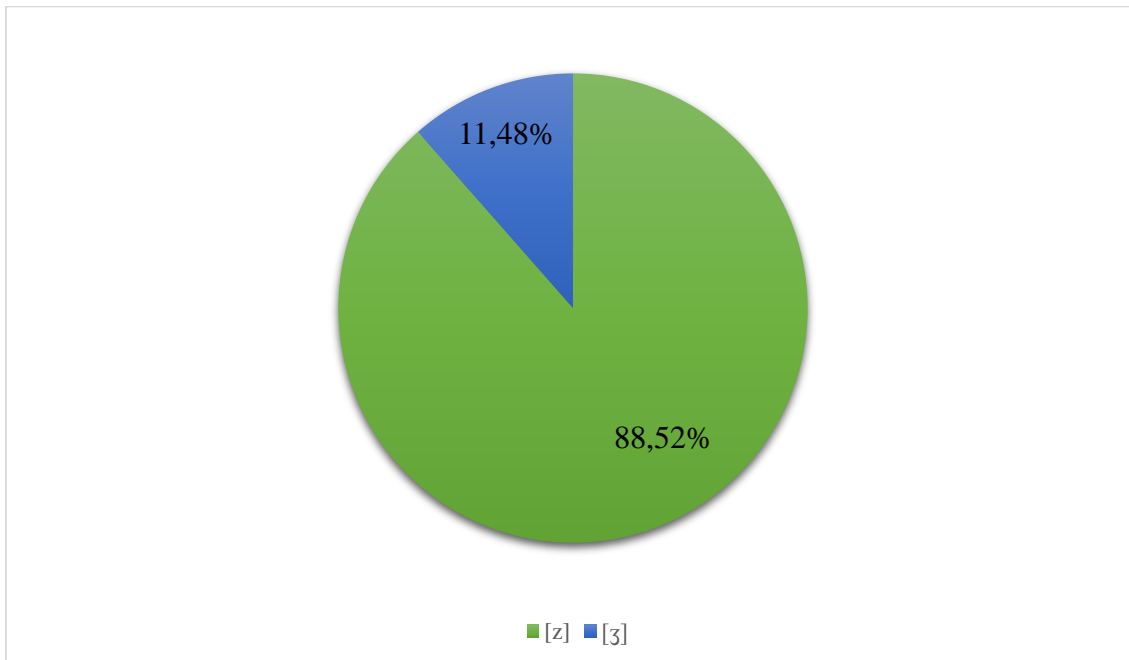
Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o gráfico 1, vemos que a ocorrência de palatalização referente às fricativas alveolares em coda silábica medial é bastante relevante no falar santacruzense, pois percebemos nitidamente o uso da variação entre a palatalização e a não-palatalização, com uma porcentagem de 60,76% de casos de ocorrência do fenômeno, contra 39,24% de casos de não-ocorrência. Em todos esses casos de palatalização, são considerados tanto o [ʃ] quanto o [ʒ], que são variantes de [s] e [z], respectivamente.

Nos seguintes gráficos, vemos os percentuais de palatalização separadamente em [s] e em [z].

Gráfico 2: Percentual da variação de [s]

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 3: Percentual da variação de [z]

Fonte: elaborado pelo autor.

Isso confirma nossas hipóteses iniciais levantadas nesta pesquisa de que [s] tende a ter maior índice de palatalização. Já [z], teve menor número de ocorrências de palatalização do que se esperava.

Através desses dados, podemos ver que em um contexto geral, o índice de palatalização, considerando-se [s] e [z] em coda silábica medial, foi maior que a não-ocorrência do fenômeno. Quando dividimos a variação de cada som, percebemos que o maior índice de realização do fenômeno em estudo foi em [s], com 70,58% de ocorrência contra 29,42% de não-ocorrência. Em [z] houve mais não-ocorrência, 88,52% contra 11,48% de ocorrência.

A partir desses dados, notamos que a palatalização de [s] é bastante presente no *corpus* da pesquisa, o que confirma a nossa hipótese inicial. Já a palatalização de [z] ocorre em um número bem menor de vezes, sendo que a variante mais falada é a não-palatalizada, o que esperava-se que sim, que a forma não-palatalizada fosse a mais falada, mas que o índice de realização da forma palatalizada fosse um pouco maior.

É importante lembrar que no momento da coleta de dados, não houve um roteiro que induzia o informante a falar palavras que tivessem mais [s] e [z] e suas variantes: fizemos primeiro as entrevistas para posteriormente escolher um fenômeno para analisar. Portanto, a coleta foi espontânea nesse sentido, de não haver uma motivação para a realização de um determinado fenômeno, o que pode tornar ainda mais real a representação dos dados.

3.1 Variáveis linguísticas que podem proporcionar a palatalização de [s] e de [z]

Para podermos identificar as variáveis que podem ocasionar o fenômeno da palatalização das fricativas alveolares ([s] e [z]), escolhemos, a partir de trabalhos já realizados sobre o assunto, para análise neste trabalho o contexto precedente e o contexto seguinte. Os fatores linguísticos que iremos trabalhar no contexto precedente são as vogais anteriores, a vogal média e as vogais posteriores. E no contexto seguinte abordaremos as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g], [m], [n] e [l].

3.1.1 Contexto precedente

Devido estarmos trabalhando a palatalização de [s] e de [z] em coda silábica medial, ou seja, as referidas consoantes em final de sílaba no meio da palavra,

avaliamos que o contexto fonológico precedente poderia ocasionar a realização do fenômeno em discussão.

O contexto precedente que selecionamos para análise foram as vogais anteriores, vogais centrais e vogais posteriores, em suas realizações tanto orais quanto nasais.

Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), classificam as vogais do português brasileiro como anteriores, centrais e posteriores. As vogais anteriores são aquelas em que a língua projeta-se mais para frente da cavidade oral para sua produção. São elas: [i], [e], [ɛ], e as nasalizadas [ĩ] e [ẽ]. As centrais são as vogais em que a língua permanece no centro da cavidade oral para que haja a sua produção. As vogais centrais são [a] e a nasalizada [ã]. E por fim, as vogais posteriores, são aquelas em que a língua projeta-se mais para trás da cavidade oral para a produção do som. São vogais posteriores [u], [o], [ɔ] e as nasalizadas [ũ] e [õ]. Portanto, para análise dos dados neste trabalho, agrupamos as vogais de acordo com seu movimento horizontal (anterioridade/posterioridade).

Vejam os alguns exemplos encontrados no *corpus*, de palatalização e de não-palatalização de [s] depois de vogais anteriores, centrais e posteriores:

Casos de não-palatalização de [s] depois de vogais anteriores:

13. [is'tradə] estrada (I11SFF3EB)
14. [is'pɔhts] esportes (I20SFF2ES)

Casos de palatalização de [s] depois de vogais anteriores:

15. [i'ziʃti] existe (I12SFF3ES)
16. [mɛʃ'tradu] mestrado (I16SFF1ES)

Caso de não-palatalização de [s] depois de vogais centrais:

17. [trãs'pɔhti] transporte (I19SFF2EB)

Casos de palatalização de [s] depois de vogais centrais:

18. [gaʃ'ta] gastar (I12SFF3ES)

Casos de não-palatalização de [s] depois de vogais posteriores:

19. ['gɔstʊ] gosto (I11SFF3EB)
20. ['postʊ] posto (I11SFF3EB)

Casos de palatalização de [s] depois de vogais posteriores:

21. [akuʃtũ'meɪ] acostumei (I13SMF1EB)

22. [ʒuʃ'tisə] justiça (I10SMF3ES)

No quadro abaixo, vemos os valores absolutos e também percentuais dos números de ocorrência de [s] e [ʃ] precedidos de vogais.

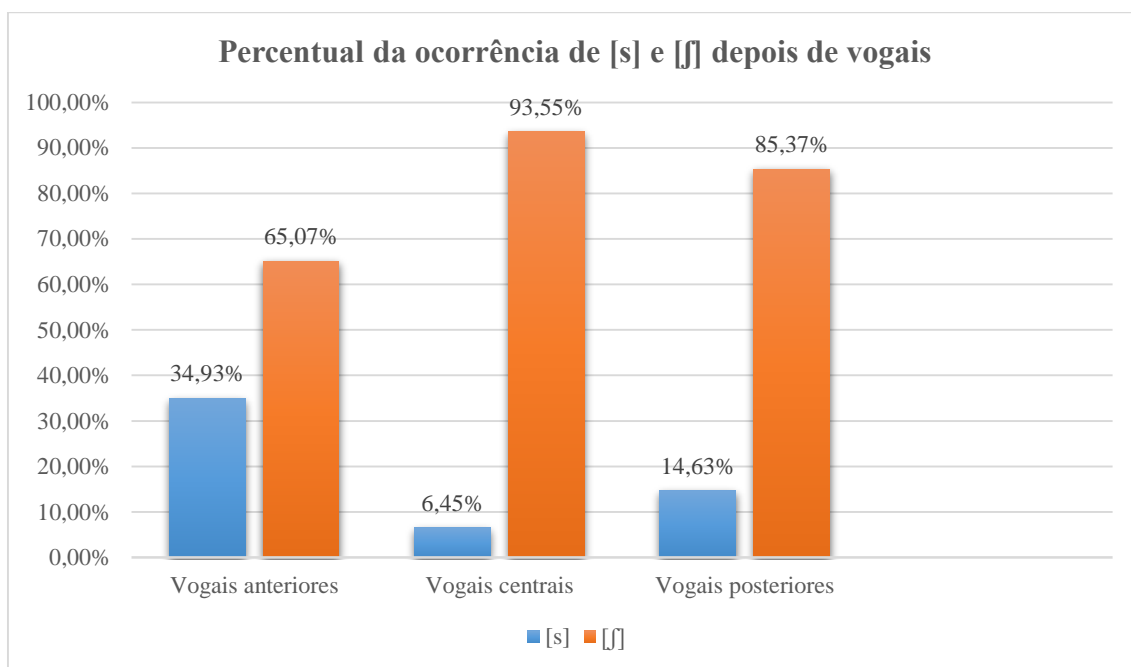
Quadro 1: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] precedidos das vogais

Contexto Precedente	[s]		[ʃ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Vogais anteriores	160	34,93	298	65,07	458	74,84
Vogais centrais	2	6,45	29	93,55	31	5,06
Vogais posteriores	18	14,63	105	85,37	123	20,10
Total	180	88,52%	432	11,48%	612	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Observando o quadro 1, vemos que a variante mais utilizada é a palatalizada ([ʃ]), com 298 casos absolutos de ocorrência no *corpus*, contra 160 da variante não-palatalizada ([s]). Além disso, percebemos também que esses mesmos números de ocorrência, tanto da variante [s] quanto da variante ([ʃ]), acontecem nas vogais anteriores, totalizando 458 casos. Notamos também que o índice de palatalização é bem presente nas vogais posteriores, contando com 105 casos de ocorrência ([ʃ]), contra 18 casos de não-ocorrência do fenômeno ([s]), o que totaliza 123 casos, contabilizando as duas variantes. Em menor número de ocorrências, verificamos a palatalização no contexto das vogais centrais com um total absoluto de 29 casos, contra 2 casos de não-ocorrência, o que totaliza 31 casos.

No geral, tanto nas vogais anteriores, centrais e posteriores, o índice de palatalização foi mais considerável. Isso nos mostra que, nesse caso, no contexto precedente não houve fatores que exerceram influência na realização do fenômeno, ou seja, não houve vogais que influenciaram a realização do fenômeno mais do que outras. No gráfico seguinte, podemos ver esses dados somente com os valores percentuais.

Gráfico 4: Percentual da ocorrência de [s] e [ʃ] depois de vogais

Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico 4 nos confirma que a palatalização de [s] ocorre sempre em maiores índices, independente das vogais serem anteriores, centrais ou posteriores.

Sobre a palatalização de [z], vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus* da pesquisa, de ocorrência e de não-ocorrência de palatalização depois de vogais anteriores, centrais e posteriores⁹:

Casos de não-palatalização de [z] depois de vogais anteriores:

23. ['mezmə] mesma (I3SFF1EB)
24. [kõpãɲe'rizmʊ] companheirismo (I3SFF1EB)

Casos de palatalização de [z] depois de vogais anteriores:

25. ['mezmʊ] mesmo (I7SFF2EB)
26. [diznɛsɛ'sariə] desnecessária (I14SMF1ES)

Caso de não-palatalização de [z] depois de vogais centrais:

27. [ɛ'razmʊ] Erasmo (I12SFF3ES)

⁹ Não há exemplos de palatalização de [z] depois de vogais centrais e posteriores, nem exemplos de não-palatalização de [z] depois de vogais posteriores, porque não houve ocorrência desses casos no *corpus*.

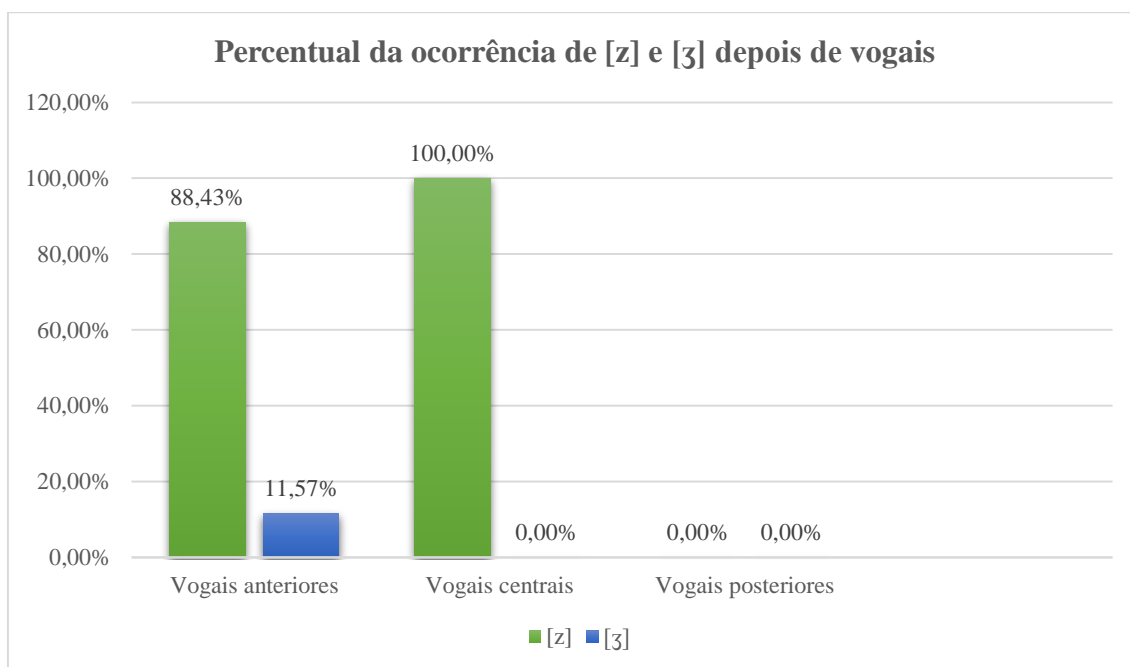
No quadro abaixo, podemos ver os valores absolutos e percentuais de ocorrência das duas variantes.

Quadro 2: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] precedidos das vogais

Contexto Precedente	[z]		[ʒ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Vogais anteriores	107	88,43	14	11,57	121	99,18
Vogal central	1	100,00	0	0,00	1	0,82
Vogais posteriores	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Total	108	29,42%	14	70,58%	122	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

No caso de [z], vemos que o índice de palatalização é bem baixo, com um total absoluto de 14 casos totais no *corpus* ([ʒ]). Notamos ainda que esses 14 casos ocorreram somente no contexto das vogais anteriores. As vogais anteriores foram responsáveis pela maioria da contabilização dos casos dessa variante, tanto a palatalizada ([ʒ]), como a não-palatalizada ([z]), no *corpus* da pesquisa, totalizando 121 casos. Houve a realização de 1 caso da variante não-palatalizada no contexto das vogais centrais, e nenhum caso no contexto das vogais posteriores. No gráfico a seguir, podemos ver os valores percentuais da palatalização de [z] tendo como contexto precedente as vogais anteriores, centrais e posteriores.

Gráfico 5: Percentual da ocorrência de [z] e [ʒ] depois de vogais

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da observação do gráfico 5, notamos que não houve casos no *corpus* de ocorrência de nenhuma das duas variantes depois das vogais posteriores, e não houve ocorrência da variante palatalizada ([ʒ]) depois das vogais centrais, diferente de [s], que apresentou palatalização e não-palatalização depois de todas as vogais (anteriores, centrais e posteriores). A partir desses dados, concluímos que os fatores das vogais anteriores, centrais e posteriores também não exerce influência na palatalização de [z].

Tendo em vista os resultados obtidos através da análise da variável linguística contexto precedente, agora, partiremos para apreciação da variável linguística contexto seguinte.

3.1.2 Contexto seguinte

Na variável linguística contexto seguinte, analisamos o comportamento da palatalização de [s] e de [z] diante das consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g], [m], [n] e [l]. Para isso, fizemos um agrupamento para análise por vozeamento. De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), as consoantes do português brasileiro estão divididas em dois grandes grupos: as sonoras ou vozeadas, e as surdas ou não-vozeadas. Isso é um parâmetro definido a partir da vibração ou não das pregas vocais. As consoantes vozeadas são aquelas que necessitam da vibração das pregas vocais para que

haja a sua produção, e as consoantes não-vozeadas não necessitam da vibração das pregas vocais para sua produção.

Levando em consideração que [s] e [ʃ] fazem parte do grupo das consoantes não-vozeadas, e que no português brasileiro elas só ocorrem na posição de coda silábica medial antes de outras consoantes também não-vozeadas, faremos a análise diante das consoantes [p], [t] e [k], que são não-vozeadas.

Abaixo vemos exemplos de palatalização e não-palatalização de [s] diante de [p], [t] e [k]:

Casos de não-palatalização de [s] diante de [p]:

28. [is'pɔhtɪ] esporte (I3SFF1EB)

29. [is'pasɔ] espaço (I6SMF2ES)

Casos de palatalização de [s] diante de [p]:

30. [iʃpɛ'sifikoʃ] específicos (I14SMF1ES)

31. [iʃpɛsi'aw] especial (I14SMF1ES)

Casos de não-palatalização de [s] diante de [t]:

32. [kõstru'idɔ] construído (I11SFF3EB)

33. [gɔs'tavə] gostava (I11SFF3EB)

Casos de palatalização de [s] diante de [t]:

34. [kɛʃ'tãɔ] questão (I1SMF1EB)

35. [baʃ'tãti] bastante (I3SFF1EB)

Casos de não-palatalização de [s] diante de [k]:

36. [is'kasɔ] escasso (I10SMF3ES)

37. [is'kɔləs] escolas (I3SFF1EB)

Caso de palatalização de [s] diante de [k]:

39. [iʃ'kɔləʃ] escolas (I14SMF1ES)

No quadro a seguir, vemos os valores absolutos e percentuais de ocorrência de [s] (não-palatalização) e [ʃ] (palatalização), diante de [p], [t] e [k].

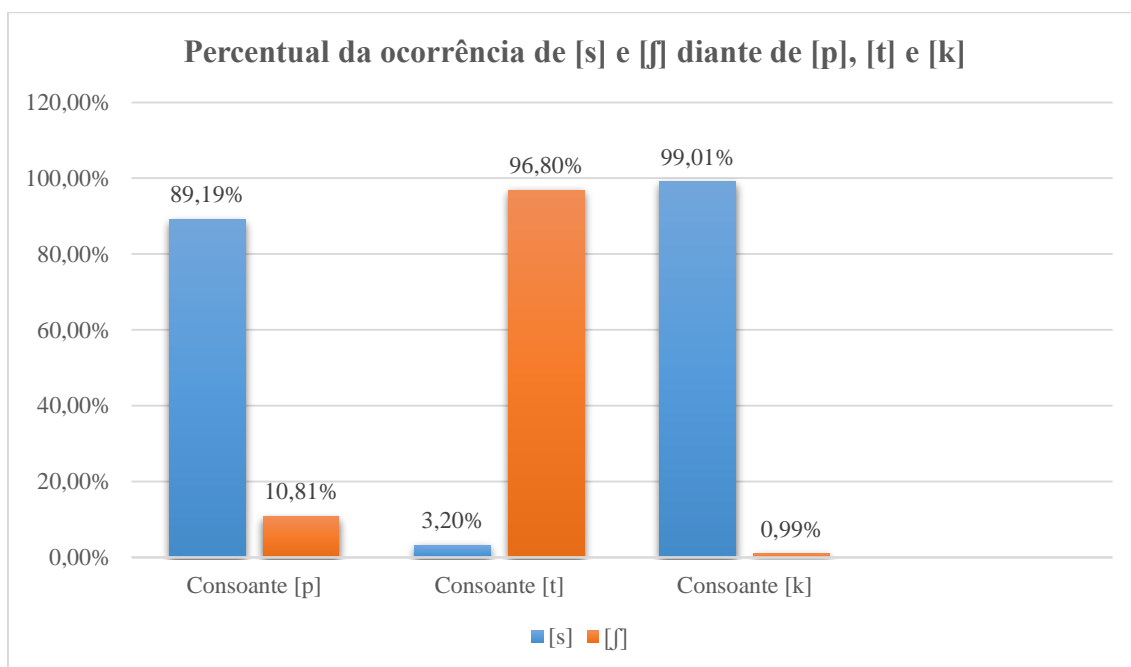
Quadro 3: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] diante de [p], [t] e [k]

Contexto Seguinte	[s]		[ʃ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Consoante [p]	66	89,19	8	10,81	74	12,10
Consoante [t]	14	3,20	423	96,80	437	71,40
Consoante [k]	100	99,01	1	0,99	101	16,50
Total	180	29,42%	432	70,58%	612	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos ver no quadro 3, a variante palatalizada ([ʃ]) é a que ocorre com mais frequência no *corpus*, com um total de 432 casos, contra 180 casos de não-ocorrência ([s]) do fenômeno da palatalização diante das consoantes [p], [t] e [k]. Notamos também que diante da consoante [p], a variante não-palatalizada acontece com uma frequência bem maior, com 66 casos absolutos, contra 8 casos absolutos da variante palatalizada. Considerando a consoante [k], praticamente não houve a realização do fenômeno em discussão, com 100 casos de não-ocorrência, contra 1 caso de ocorrência. E por fim, diante da consoante [t], houve um índice bastante relevante de palatalização, com um valor absoluto de 423 casos, contra 14 casos absolutos de não realização do fenômeno.

No gráfico a seguir, vemos em valores percentuais as realizações de [s] (não-palatalização) e [ʃ] (palatalização) diante de [p], [t] e [k].

Gráfico 6: Percentual da ocorrência de [s] e [ʃ] diante de [p], [t] e [k]

Fonte: elaborado pelo autor.

Diante desses dados, concluímos que o fenômeno da palatalização de [s] é favorecido diante da consoante [t], e que [p] e [k] não condicionam a realização do fenômeno na comunidade de fala em estudo. O que, no caso da palatalização de [s] diante de [t], está de acordo com trabalho dos autores Saulo e Cunha (2020), intitulado “Produção do /S/ Pós-Vocálico em São José do Mipibu - RN”, que foi publicado na Revista do GELNE, v. 22, número 2. No trabalho citado, os autores revelam que a palatalização de [s] é categórica diante de [t], e concluem que os contextos fonológicos favorecem o fenômeno da palatalização na comunidade de fala em estudo.

Sobre a palatalização de [z], levamos em consideração que [z] e [ʒ] estão no grupo das consoantes vozeadas da língua portuguesa, e que as mesmas são realizadas na posição de coda silábica medial diante de outras consoantes também vozeadas. Portanto, analisaremos [z] e [ʒ] diante das consoantes vozeadas [b], [d], [g], [m], [n] e [l]. Abaixo vemos alguns exemplos de ocorrências e não-ocorrências do fenômeno diante desses sons vozeados.

Caso de não-palatalização de [z] diante de [g]:

40. [iz'gotɔ] esgoto (I11SFF3EB)

Caso de palatalização de [z] diante de [d]:

41. ['dezɔ] desde (I11SFF3EB)

Caso de não-palatalização de [z] diante de [m]:

42. [ĩfeliz'mẽti] infelizmente (I4SFF1ES)

Caso de palatalização de [z] diante de [m]:

43. [ha'sizmɔ] racismo (I14SMF1ES)

Caso de não-palatalização de [z] diante de [l]:

44. [lɛzizla'tivo] legislativo (I18SMF2ES)

Caso de palatalização de [z] diante de [n]:

45. [diznesɛ'sariɔ] desnecessária (I14SMF1ES)

Quadro 4: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] diante de [b], [d], [g], [m], [n] e [l]

Contexto Seguinte	[z]		[ʒ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Consoante [b]	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Consoante [d]	0	0,00	2	100,00	2	1,64
Consoante [g]	8	100,00	0	0,00	8	6,56
Consoante [m]	96	89,72	11	10,28	107	87,70
Consoante [n]	0	0,00	1	100,00	1	0,82
Consoante [l]	4	100,00	0	0,00	4	3,28
Total	108	88,52%	14	11,48%	122	100%

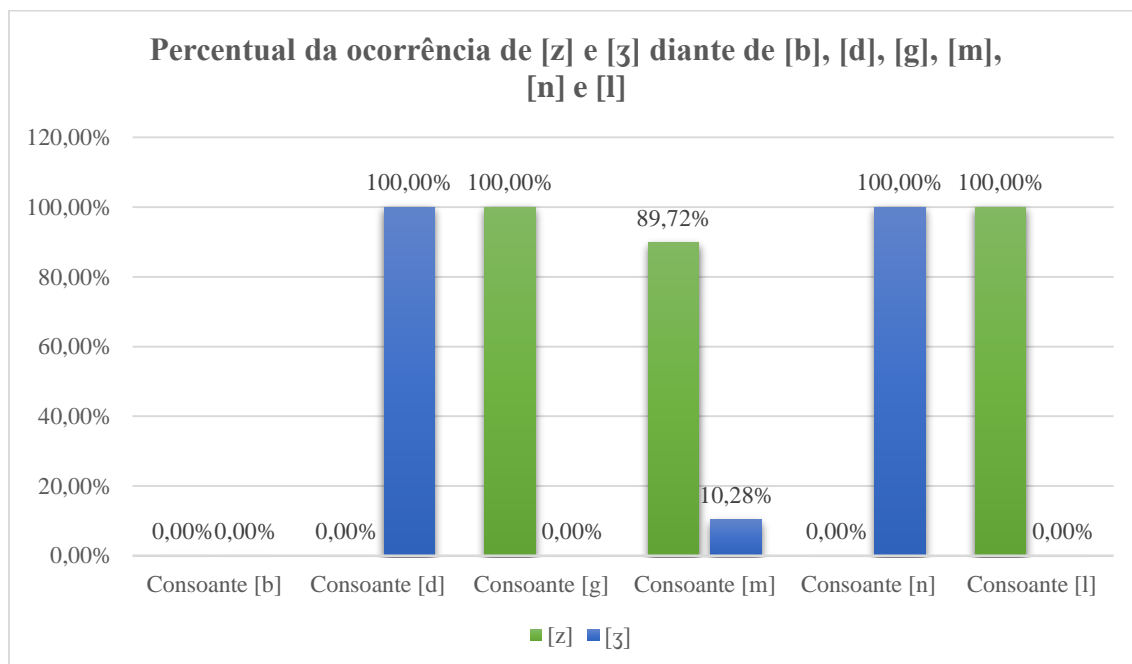
Fonte: elaborado pelo autor.

Ao observarmos o quadro 4, vemos que a variante não-palatalizada ([z]) ocorre com mais frequência que a variante palatalizada ([ʒ]), com um total absoluto de 108 casos, contra 14 casos da forma concorrente. Notamos que diante das consoantes [g] e [l], não houve palatalização, sendo que os casos de realização da variante não-palatalizada foram de 8 e 4 casos respectivamente. Podemos observar ainda que no *corpus* encontramos apenas a variante palatalizada, diante de [d] e [n], com 2 e 1 casos respectivamente. Notamos também que no *corpus* há realizações das duas variantes

somente diante de [m], com 96 casos da variante não-palatalizada, contra 11 casos da variante palatalizada.

A seguir, vemos o gráfico com os valores percentuais de ocorrência da forma não-palatalizada ([z]) e palatalizada ([ʒ]), diante das consoantes [b], [d], [g], [m], [n] e [l].

Gráfico 7: Percentual da ocorrência de [z] e [ʒ] diante de [b], [d], [g], [m], [n] e [l]



Fonte: elaborado pelo autor.

Percebemos que todos os valores de [b] estão zerados, tanto no quadro quanto no gráfico, porque não houve nenhuma ocorrência no *corpus* de sua realização procedente de nenhuma das variantes em análise, mas decidimos apresentá-lo mesmo assim, por ser par mínimo de [p], que foi analisado anteriormente. A partir desses dados, notamos que não há consoantes que favoreçam a palatalização de [z] em coda silábica medial na comunidade de fala em estudo, e ainda, que os casos de ocorrência do fenômeno foram mínimos. Os estudos de Šmaiclová (2010) levaram em consideração para análise do fenômeno o arquifonema /S/. Portanto, neste trabalho, podemos comparar tantos os resultados de [s] quanto de [z], que mostraram as consoantes coronais ou alveolares ([t], [d], [n], [l] e [r]), e as dorsais ou velares ([k], [g] e [x]) como maiores influenciadoras do fenômeno em discussão, diferentemente do que encontramos no nosso estudo.

3.2 Variáveis extralinguísticas que podem ocasionar a palatalização de [s] e de [ʃ]

Como a Sociolinguística trabalha a língua a partir da influência de meios sociais, selecionamos variáveis extralinguísticas que podem ocasionar a realização do fenômeno da palatalização na comunidade de fala em estudo. As variáveis extralinguísticas escolhidas nesta pesquisa foram faixa etária, escolaridade e sexo.

3.2.1 Faixa etária

Por meio de uma análise do comportamento das variantes, podemos verificar se há uma faixa etária que realiza o fenômeno mais do que outra, e se sua realização pode se caracterizar como uma mudança linguística.

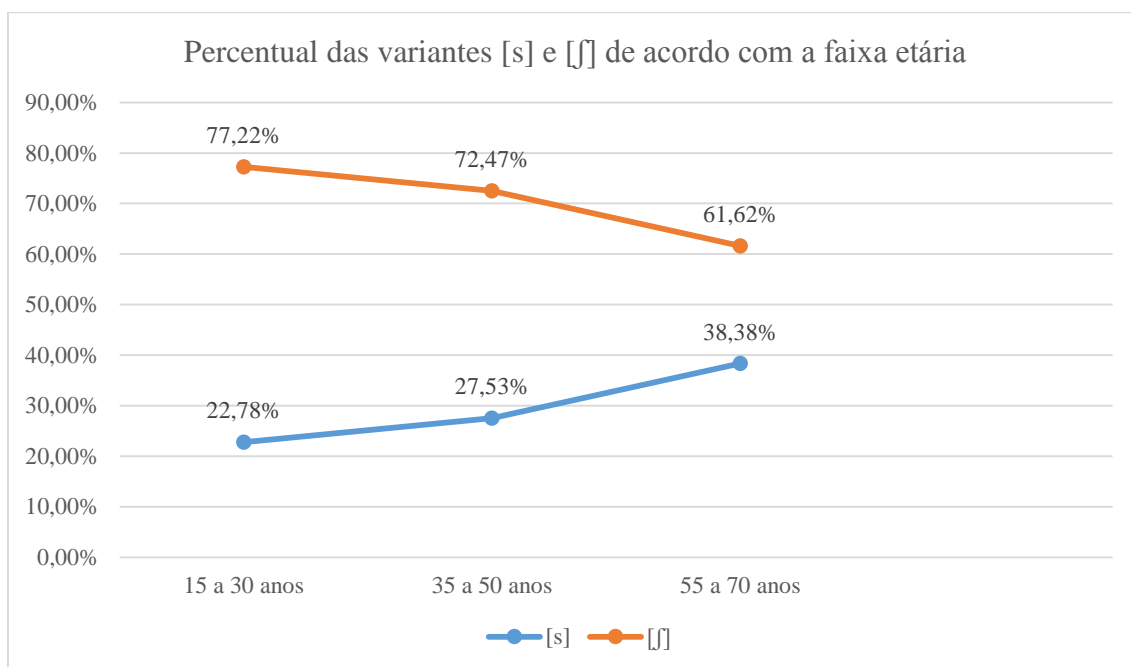
Quadro 5: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] de acordo com a faixa etária

Faixa Etária	[s]		[ʃ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
15 a 30 anos	41	22,78	139	77,22	180	29,41
35 a 50 anos	68	27,53	179	72,47	247	40,36
55 a 70 anos	71	38,38	114	61,62	185	30,23
Total	180	29,42%	432	70,58%	612	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos observar no quadro 5, a variante palatalizada ([ʃ]) apresentou ocorrência elevada nas três faixas etárias, sendo que a faixa etária em que mais houve realizações absolutas do fenômeno, foi a faixa etária de 35 a 50 anos, com um total de 179 realizações, e a que houve menos realizações foi a faixa etária de 55 a 70 anos, com 114 casos totais. No gráfico¹⁰ abaixo, podemos ver os valores percentuais de ocorrência das duas variantes ([s] e [ʃ]) de acordo com cada faixa etária.

¹⁰ Neste tópico, utilizamos gráficos de linhas por acreditar que quanto ao fator faixa etária, este modelo permite uma melhor leitura e compreensão.

Gráfico 8: Percentual das variantes [s] e [ʃ] de acordo com a faixa etária

Fonte: elaborado pelo autor.

Podemos ver no gráfico 8 que a variante não-palatalizada ([s]) sempre ocorre em percentual menor. Observamos também uma queda no percentual de casos da variante palatalizada ([ʃ]) nas faixas etária de 35 a 50 anos, e de 55 a 70, respectivamente, em relação à faixa etária de 15 a 30 anos, mesmo assim, a variante predominante foi a palatalizada. Já os estudos de Marins e Margotti (2012), denominado “Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus” apontam que não há uma diferença tão significativa quanto ao comportamento das duas variantes, ou seja, não há uma distinção na fala dos mais jovens em relação aos mais velhos na referida comunidade de fala.

Sobre o comportamento das variantes [z] e [ʒ], podemos observar no quadro abaixo que a variante não-palatalizada foi a que apresentou maior número de ocorrências.

Quadro 6: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] de acordo com a faixa etária

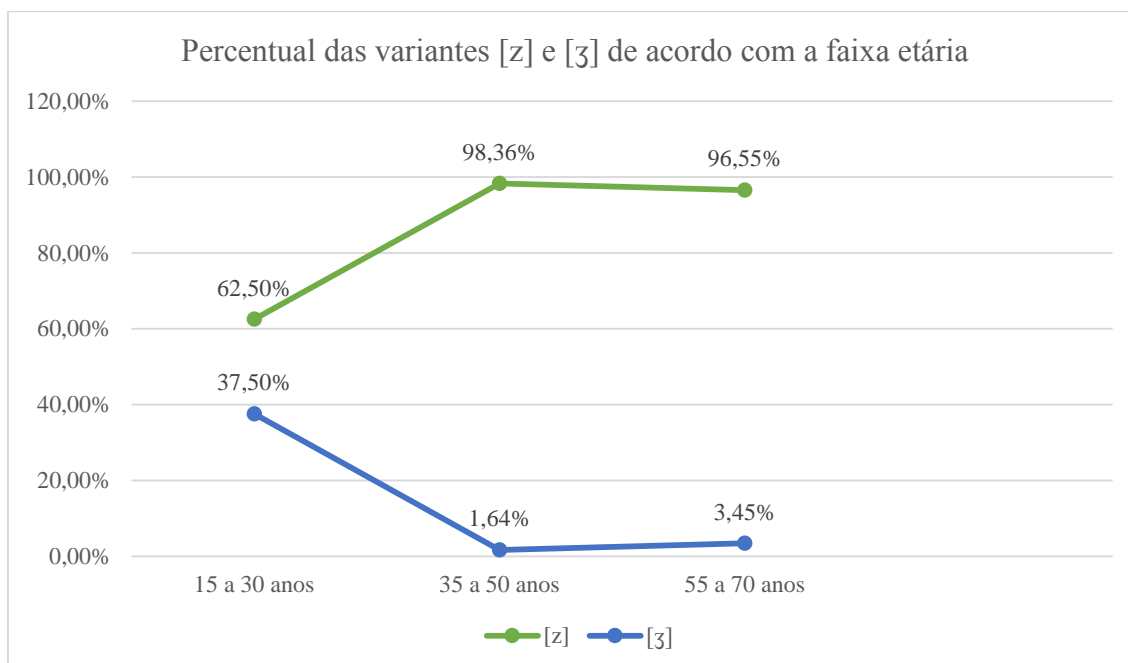
Faixa Etária	[z]		[ʒ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
15 a 30 anos	20	62,50	12	37,50	32	26,23
35 a 50 anos	60	98,36	1	1,64	61	50,00
55 a 70 anos	28	96,55	1	3,45	29	23,77

Total	108	88,52%	14	11,48%	122	100%
--------------	-----	--------	----	--------	-----	------

Fonte: elaborado pelo autor.

Vemos no quadro 6 que as três faixas etárias realizaram majoritariamente a variante não-palatalizada ([z]), sendo que o maior número de ocorrências de casos absolutos foi na faixa etária de 35 a 50 anos, com 60 realizações, e a que apresentou menor número foi a faixa etária de 15 a 30 anos, com 20 realizações. Sobre a variante palatalizada ([ʒ]), é importante destacar que das 14 realizações totais no *corpus*, 12 foram na faixa etária de 15 a 30 anos, e as outras duas, foram uma na faixa etária de 35 a 50 anos, e a outra na faixa etária de 55 a 70 anos. No gráfico abaixo podemos ver os valores percentuais do comportamento das duas variantes de acordo com cada faixa etária.

Gráfico 9: Percentual das variantes [z] e [ʒ] de acordo com a faixa etária



Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos ver no gráfico 9, as ocorrências da variante não-palatalizada ([z]) são maiores nas três faixas etárias. No entanto, mesmo com ocorrência maior da variante não-palatalizada em todas as faixas etárias, a variante palatalizada ([ʒ]) tem percentual um pouco mais elevado na faixa etária de 15 a 30 anos, e cai consideravelmente nas outras duas faixas etárias. Isso pode significar que esteja em processo de mudança linguística, mas ainda não podemos afirmar que isso aconteça,

considerando que o seu uso ainda é muito pouco. Para isso, seria necessário avançar mais, em um outro momento, com este estudo, ampliando o *corpus*, por exemplo.

3.2.2 Escolaridade

Acreditamos que o fator escolaridade pode proporcionar a palatalização de [s] e [z], principalmente nos informantes que estão cursando ou cursaram o Ensino Superior, devido o contato que os mesmos têm ou tiveram com outras pessoas em suas faculdades/universidades, pois na comunidade de fala em estudo não há instituições de ensino superior, e as pessoas que querem fazer uma graduação, têm que se deslocar para o município vizinho (Serra Talhada - PE).

Levamos em consideração que o município vizinho é um polo educacional, que recebe estudantes e professores de cidades e estados vizinhos, e geralmente, muitos professores vêm da capital do estado (Recife - PE), que trazem em sua fala muitos traços da palatalização. Portanto, a escolaridade poderia influenciar o fenômeno em estudo nesse sentido, do contato do informante com outras pessoas e outras culturas, no ambiente universitário, em que há o uso do fenômeno em discussão, e isso poderia também influenciar a fala desses informantes.

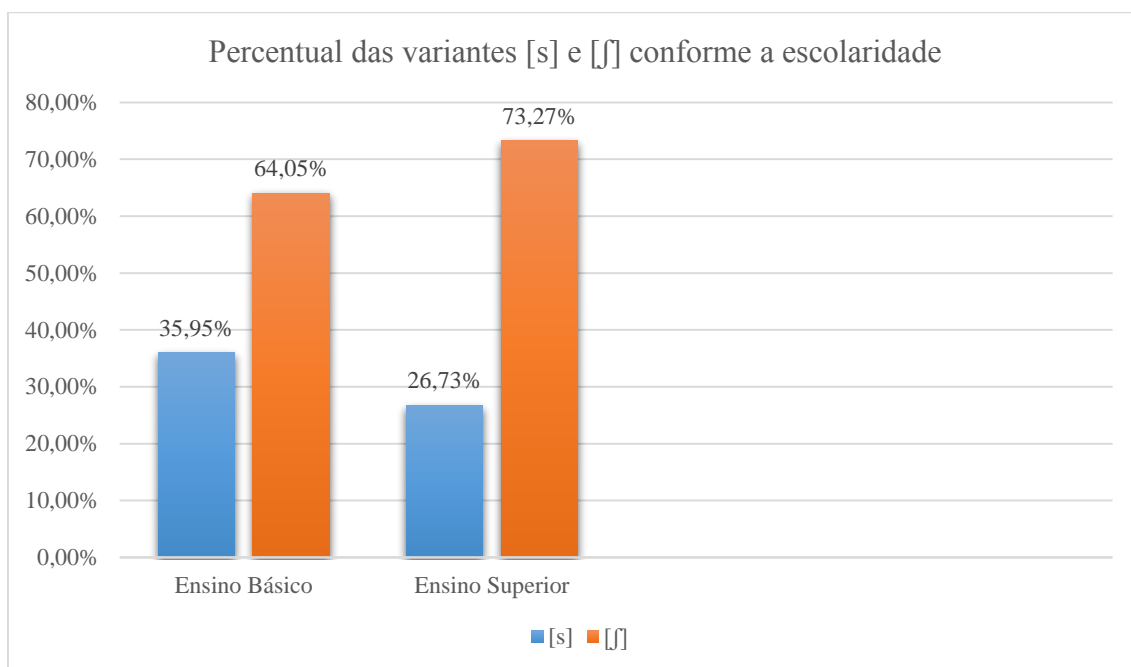
Agrupamos o fator escolaridade em Ensino Básico (Ensino Fundamental e Médio, completo ou incompleto), e Ensino Superior (completo ou incompleto). No quadro abaixo, podemos ver os valores referentes ao comportamento das variantes [s] e [ʃ] conforme a escolaridade.

Quadro 7: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] conforme a escolaridade

Escolaridade	[s]		[ʃ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ensino Básico	64	35,95	114	64,05	178	29,08
Ensino Superior	116	26,73	318	73,27	434	70,92
Total	180	29,42%	432	70,58%	612	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Observando o quadro 7, vemos que a variante palatalizada ([ʃ]) é a que ocorre com mais frequência no *corpus* nos dois níveis de escolaridade, com um número ainda maior de ocorrência no Ensino Superior, com 318 casos absolutos, e o Ensino Básico apresentou 114 casos. No gráfico seguinte, podemos visualizar melhor os valores percentuais de ocorrência das variantes [s] e [ʃ] de acordo com a escolaridade.

Gráfico 10: Percentual das variantes [s] e [ʃ] conforme a escolaridade

Fonte: elaborado pelo autor.

No gráfico 10, observamos a predominância da variante palatalizada ([ʃ]) nas duas escolaridades. Notamos ainda que os valores percentuais da variante palatalizada são maiores na escolaridade Ensino Superior, comparando com os valores de realização da mesma variante no Ensino Básico. Isso pode ter acontecido devido a um informante do Ensino Superior ter realizado palatalização de [s] diante de consoantes (como [p] e [k]) que normalmente outros informantes de outra escolaridade, e até da mesma, não realizam.

Sobre a palatalização de [z], não foi tão realizada, como podemos ver no quadro abaixo.

Quadro 8: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] conforme a escolaridade

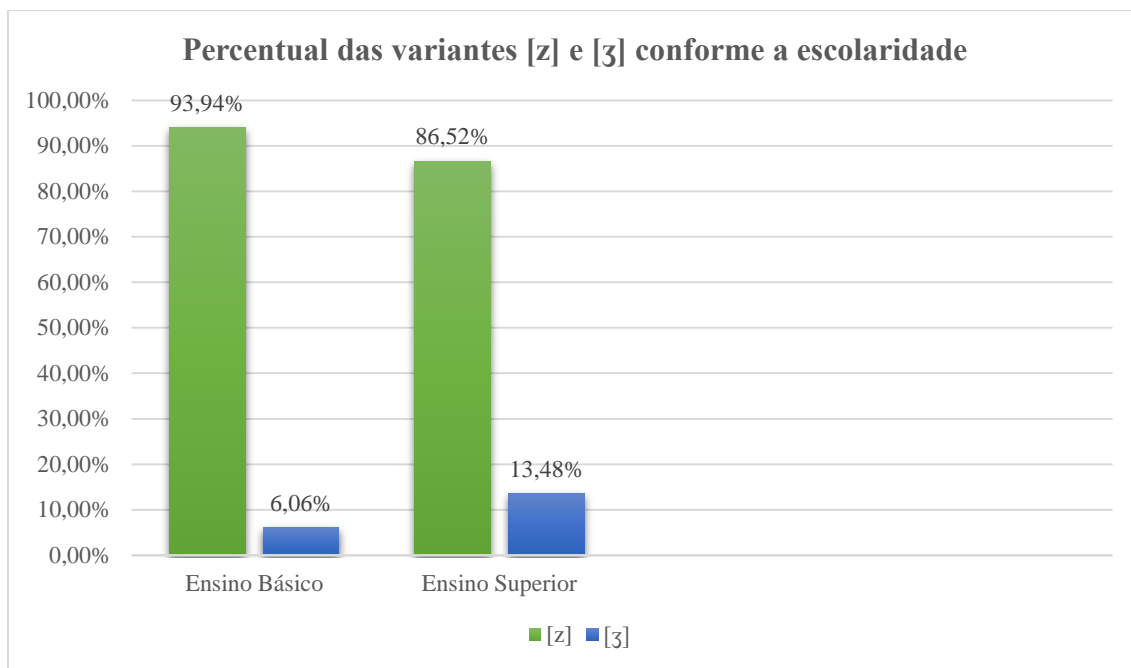
Escolaridade	[z]		[ʒ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ensino Básico	31	93,94	2	6,06	33	27,05
Ensino Superior	77	86,52	12	13,48	89	72,95
Total	108	88,52%	14	11,48%	122	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos observar no quadro 8, a variante não-palatalizada ([z]) ocorreu com um índice maior nas duas escolaridades. É importante destacar que a variante

palatalizada ([ʒ]), apesar de ocorrer em menor número que a não-palatalizada, houve uma quantidade maior de realizações na escolaridade Ensino Superior, com 12 casos, a escolaridade Ensino Básico apresentou apenas 2 casos. No gráfico abaixo, podemos visualizar em valores percentuais.

Gráfico 11: Percentual das variantes [z] e [ʒ] conforme a escolaridade



Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico 11 nos confirma que a variante não-palatalizada apresentou maiores ocorrências em ambas as escolaridades. Entretanto, se levarmos em consideração o índice de realização da variante palatalizada, vemos que o percentual é um pouco mais elevado no Ensino Superior. Isso pode ter acontecido por conta de um informante do Ensino Superior palatalizar [z] antes de [m] e [n], o que não é muito comum em informantes de outra escolaridade, e até da mesma.

3.2.3 Sexo

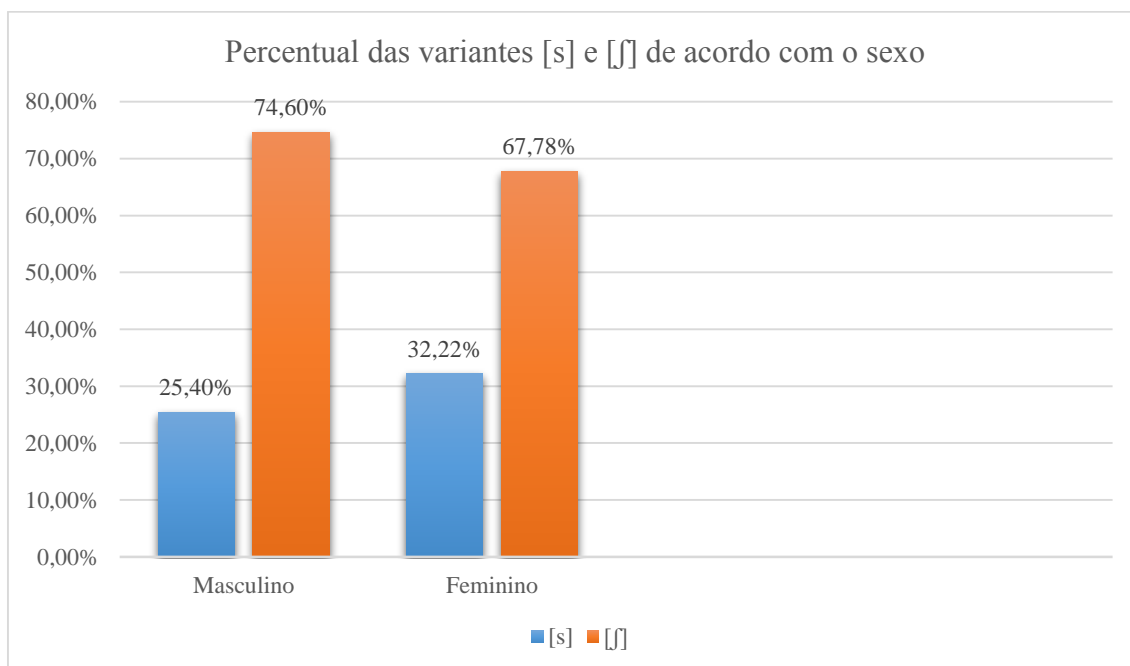
Analisaremos o grupo de fator sexo, pois de acordo com estudos mais recentes em Sociolinguística, as mulheres tendem a realizar as formas mais inovadoras antes mesmo dos homens, ou seja, lideram processos de mudança linguística (PAIVA, 2003, p.36).

Quadro 9: Distribuição das variantes [s] e [ʃ] de acordo com o sexo

Sexo	[s]		[ʃ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	64	25,40	188	74,60	252	41,17
Feminino	116	32,22	244	67,78	360	58,83
Total	180	29,42%	432	70,58%	612	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro 9 nos mostra que a variante palatalizada ([ʃ]) é realizada maioritariamente pelos dois sexos, sendo que o sexo feminino apresentou maiores números das duas variantes, 244 casos de [ʃ] e 116 casos de [s]. Já os números do sexo masculino foram 188 casos de [ʃ] e 64 casos de [s]. No gráfico abaixo, podemos observar melhor o comportamento dessas variantes em valores percentuais.

Gráfico 12: Percentual das variantes [s] e [ʃ] de acordo com o sexo

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da observação do gráfico 12, confirmamos que a variante palatalizada é a mais frequente nos dois sexos. Concluimos que, não há um sexo que realiza o fenômeno mais do que outro, ou seja, quanto ao fenômeno em questão na comunidade de fala em estudo não há diferenciação na fala entre homens e mulheres. Em questões de números, os índices de palatalização de [s] foram maiores tanto no sexo masculino, quanto no sexo feminino.

Em relação à palatalização de [z], o gráfico a seguir nos mostra os valores absolutos e percentuais dos casos de ocorrência e não-ocorrência.

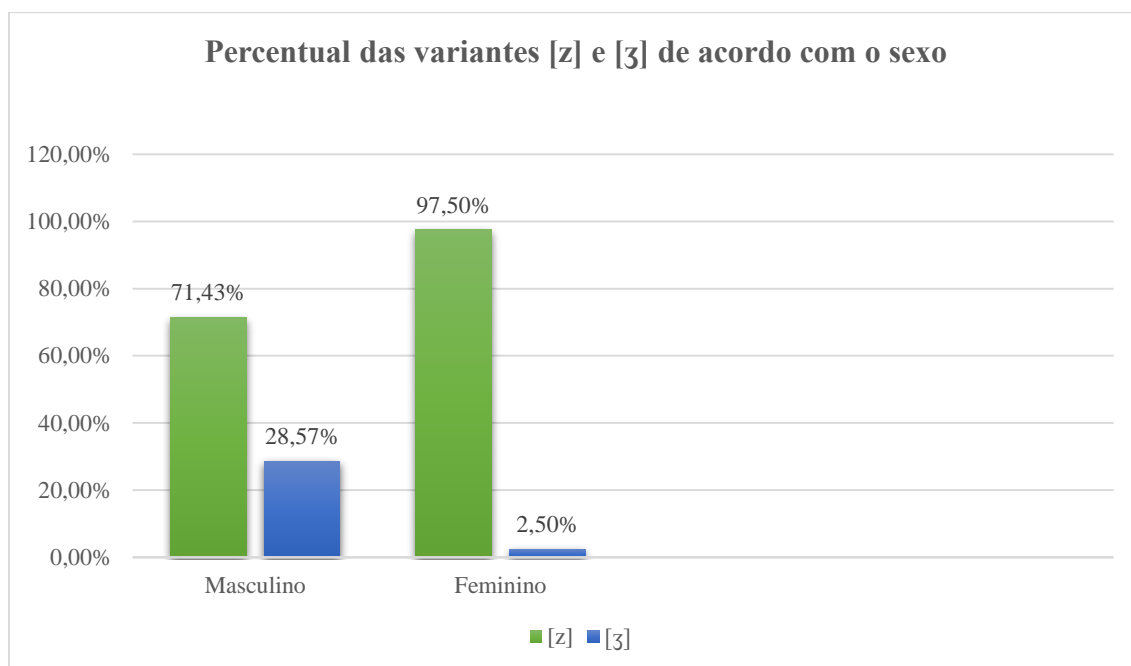
Quadro 10: Distribuição das variantes [z] e [ʒ] de acordo com o sexo

Sexo	[z]		[ʒ]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	30	71,43	12	28,57	42	34,43
Feminino	78	97,50	2	2,50	80	65,57
Total	108	88,52%	14	11,48%	122	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro 10 nos revela que a variante não-palatalizada ([z]) é a mais frequente nos dois sexos. Mas quando levamos em consideração a variante palatalizada ([ʒ]), o sexo masculino apresentou mais casos, 12 no total, e o sexo feminino apresentou apenas 2 casos. No gráfico abaixo podemos observar melhor o comportamento dessas variantes.

Gráfico 13: Percentual das variantes [z] e [ʒ] de acordo com o sexo



Fonte: elaborado pelo autor.

No gráfico 13 podemos ver claramente que a variante não-palatalizada foi a mais frequente em ambos os sexos. Podemos ver também que a realização de casos da variante palatalizada foi maior no sexo masculino, o que não era esperado. Esperava-se que essa variante fosse realizada mais pelo sexo feminino. Isso pode ser explicado pelo

fato de um informante do sexo masculino ter realizado a variante palatalizada em todas as palavras do *corpus* que apresentavam [d], [m] e [n] em contexto precedente.

Concluimos que, mesmo com a realização de mais casos de palatalização pelo sexo masculino, não podemos afirmar que os homens tendem a realizar mais o fenômeno, pois os casos encontrados no *corpus* foram de apenas um informante do sexo masculino, o que pode ser característica de sua própria fala.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi estudado o comportamento da palatalização nas fricativas alveolares [s] e [z] em posição de coda silábica medial, na comunidade de fala de Santa Cruz da Baixa Verde - PE, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Ahamos importante realizar este trabalho na comunidade de fala, por ainda não haver um trabalho em Sociolinguística Variacionista em âmbito fonético-fonológico na referida comunidade de fala.

Procuramos analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam ocasionar a realização do fenômeno da palatalização em [s] e em [z]. O *corpus* da pesquisa apresentou um total de 734 casos de palatalização (60,76%) e de não-palatalização (39,24%), sendo que 612 foram das variantes [s] e [ʃ], e 122 das variantes [z] e [ʒ], que foram divididas por vozeamento para análise neste trabalho. As variantes não-vozeadas [s] e [ʃ] apresentaram os valores: 180 (29,42%) e 432 (70,58%) respectivamente. Já as variantes vozeadas [z] e [ʒ] exibiram os seguintes valores: 108 (88,52%) e 14 (11,48%) nesta ordem.

No que se refere às variáveis linguísticas, a palatalização de [s] aconteceu na maioria das palavras, independente de vir antes de vogais anteriores, centrais ou posteriores. Portanto, não há vogais que propiciam a realização do fenômeno mais do que outras. O mesmo acontece com [z], porém, as maiores ocorrências foram da variante não-palatalizada, independente do contexto anterior.

Os dados revelaram que a fricativa alveolar não-vozeada ([s]) tem maior índice de palatalização ao anteceder a oclusiva alveolar não-vozeada ([t]), transformando-se na fricativa alveopalatal não-vozeada ([ʃ]), ou seja, a variante palatalizada ([ʃ]) é mais realizada no falar santa-cruzensê. O *corpus* também apresentou alguns casos de palatalização de [s] diante de [p] e [k], mas em números muito baixos. Portanto, concluímos que as consoantes [p] e [k] não chegam a favorecer a realização do fenômeno em discussão na comunidade de fala por apresentar valores mínimos. O único fator que proporciona a realização do fenômeno é a consoante [t].

Em relação à fricativa alveolar vozeada ([z]), verificamos que a mesma não apresentou um índice significativo de palatalização, mesmo sua variante palatalizada ([ʒ]) aparecendo em alguns casos antes de [m], [n] e [d], mas que não foram suficientes para ultrapassar os números da variante não-palatalizada ([z]). Com isso, chegamos à

conclusão que o contexto seguinte não influencia a realização do fenômeno em discussão na comunidade de fala em estudo nessa variante.

Quanto às variáveis extralinguísticas, as três faixas etárias, as duas escolaridades e os dois sexos apresentaram maiores índices na realização da variante palatalizada ([ʃ]). Em relação a [z], a variante que predominou foi a não-palatalizada, tanto na faixa etária, quanto na escolaridade e sexo.

Concluimos então que, no caso de [s], o fenômeno da palatalização trata-se de um caso de variação, confirmando nossas hipóteses iniciais, e a palatalização de [z] poderia ser considerado como mudança linguística se houvesse mais realizações, principalmente pelos mais jovens, o que não aconteceu, sendo que os casos foram bastante restritos, o que pode ser considerado característica da fala de cada informante que realizou o fenômeno.

Esperamos ter alcançado os objetivos que almejamos para esta pesquisa, ou seja, realizar uma descrição linguística que nos apontasse motivações que levam à ocorrência do fenômeno na comunidade de fala. Esperamos, ainda, que este estudo contribua para que outras pessoas possam entender um pouco do comportamento do português brasileiro falado no nosso município, e também estimule outras pessoas a realizarem novas pesquisas nessa área, para que os usos dos dados linguísticos sejam cada vez mais compreendidos.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, E; HERMANS, B. **Palatalização no português brasileiro e nas línguas do mundo: motivação estrutural, seleção de gatilhos e alvos.** Linguística vol.32 no.1 Montevideo jun. 2016.

Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2016000100005> (Acesso em: 28 de junho de 2020, às 09h25)

CUNHA, C. M.; SALES, G. **Produção do /S/ Pós-Vocálico em São José do Mipibu - RN.** Revista do GELNE, Natal/RN, Vol. 22 - Número 2: p. 78-92. 2020. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=fatores+lingu%C3%ADsticos+que+condicionam+a+palataliza%C3%A7%C3%A3o+de+s+e+z&hl=pt-BR&as_sdt=0,5#d=gs_qabs&u=%23p%3DjjWY6xEz3MEJ> (Acesso em: 29/07/2020, às 10h55)

MARINS, F. S.; MARGOTTI, F. W. **Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus.** Revista Investigações - Vol. 25, nº 2, Julho/2012. p.249-274. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?start=20&q=fatores+lingu%C3%ADsticos+que+condicionam+a+palataliza%C3%A7%C3%A3o+de+s+e+z&hl=pt-BR&as_sdt=0,5#d=gs_qabs&u=%23p%3DoFs27cFkkSoJ> (Acesso em: 29/07/2020, às 10h59)

PAIVA, Maria da Conceição de. **Gênero/sexo e mudança linguística.** In: Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, (orgs.). - São Paulo: Contexto. 2003.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e Mudança Linguística: Panorama e Perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil.** Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. p.187-207. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=varia%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7a+linguistica&oq=Varia%C3%A7%C3%A3o+e+muda#d=gs_qabs&u=%23p%3D1dhN0iSe9CQJ> (Acesso em: 30/05/2020, às 04h50)

SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. Uma rodada no Goldvarb X. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas.** Maceió: Edufal, 2011.

SEARA, I.; NUNES, V.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período /** Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SIEBERT, Célia. **O Trabalho da População Pernambucana.** In: Geografia de Pernambuco. 2ª Edição Renovada. São Paulo: FTD, 2005. p.108-119

SIEBERT, Célia. **As Mesorregiões Geográficas Pernambucanas.** In: Geografia de Pernambuco. 2ª Edição Renovada. São Paulo: FTD, 2005. p.120-132

ŠMAICLOVÁ, Gabriela. **Palatalização do /S/ em coda silábica: o português falado na Costa da Lagoa em Florianópolis.** Work. pap. Linguíst., n.esp.: 33-44, Florianópolis, 2010.

_____, **Processo de Palatalização das Fricativas na Língua Portuguesa.** Revista do GELNE, Ano 1, N° 2, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A – Ficha Social do Informante



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
GETEGRA - OPERAÇÃO COLETA DE DADOS

Professora: Renata Lívia de Araújo Santos

Alunos: Mônica Jaíne da Silva Souza / Pedro Henrique da Silva Rodrigues

Ficha do Informante – Informante N°:		
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1. NOME COMPLETO:		2. DATA DE NASCIMENTO:
3. IDADE:	4. NATURALIDADE:	5. ESTADO CIVIL:
6. ENDEREÇO:		
7. HÁ QUANTO TEMPO RESIDE NA CIDADE/MUNICÍPIO?	8. ESCOLARIDADE:	
9. OUTROS CURSOS:		
DADOS PROFISSIONAIS DO INFORMANTE		
10. PROFISSÃO ATUAL:	11. JÁ EXERCEU ALGUM OUTRO CARGO PROFISSIONAL? QUAL?	
12. HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA NA PROFISSÃO ATUAL?		
13. FEZ CURSOS ESPECÍFICOS PARA A PROFISSÃO?		

CONTATO COM MEIOS DE COMUNICAÇÃO		
14. ASSISTE TV?	15. PROGRAMAS FAVORITOS: () Novelas () Prog. Religioso () Esportes () Filmes () Noticiário () Prog. Auditório () Outros	
16. OUVE RÁDIO?	17. PROGRAMAS PREFERIDOS: () Noticiário geral () Esportes () Prog. Religioso () Música () Noticiário policial () Prog. c/ partic. do ouvinte () Outros	
18. LÊ JORNAL?	19. OUVE MÚSICA?	20. QUE ESTILO MUSICAL MAIS GOSTA DE OUVIR?
21. ACESSA REDES SOCIAIS?	22. REDES SOCIAIS QUE MAIS ACESSA: () Facebook () Instagram () Twitter () Outros: _____	
ATIVIDADES QUE PRÁTICA	23. QUAL A SUA RELIGIÃO?	
24. COM QUE FREQUÊNCIA VAI À IGREJA?		
25. PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES () CINEMA () TEATRO () SHOWS () MAN. FOLCLÓRICAS () FUTEBOL () OUTROS ESPORTES () OUTROS _____		
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA		
26. AMBIENTE DA ENTREVISTA:		
27. ENTREVISTADOR/A:		
28. CIDADE/MUNICÍPIO:		
29. DATA:		
30. DURAÇÃO:		
31. OBSERVAÇÕES:		

Apêndice B – Roteiro das Entrevistas e Tópicos Discursivos



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
GETEGRA - OPERAÇÃO COLETA DE DADOS

Professora: Renata Livia de Araújo Santos

Alunos: Mônica Jaíne da Silva Souza / Pedro Henrique da Silva Rodrigues

ENTREVISTA

F1

- 01-Na sua cidade há muita oferta de trabalho?
- 02-Qual a importância de se ter uma qualificação profissional?
- 03-O que você pensa em fazer ao terminar seu curso?
- 04-Você gosta de ouvir música?
- 05-Quais artistas musicais você mais gosta de ouvir?
- 06-Você se sente influenciado pela mídia (TV, rádio e internet)?
- 07-Na sua opinião, com o avanço da internet (redes sociais), a TV e o rádio perderam seu público?
- 08-Você gosta de ler? O quê?
- 09-Você se contenta com os serviços públicos oferecidos em seu município? O que precisa melhorar?
- 10-O que você gosta de fazer quando não está trabalhando ou estudando?

F2

- 01-Qual tipo de mídia você mais acessa (TV, rádio, internet)?
- 02-Quais as mudanças que a internet trouxe para o seu cotidiano?
- 03-Você gosta de ouvir música?

- 04-**Quais artistas musicais você mais gosta de ouvir?
- 05-**O que você gosta de assistir?
- 06-**Você se considera uma pessoa realizada profissionalmente?
- 07-**Se você tem filhos, está satisfeito com o curso superior/técnico que ele está cursando ou pretende cursar?
- 08-**Existe alguma outra carreira que você queria que seu filho seguisse?
- 09-** Você se contenta com os serviços públicos oferecidos em seu município? O que precisa melhorar?
- 10-**Você acha que na sua cidade há muita oportunidade de trabalho?

F3

- 01-**Você gosta da sua cidade? Por quê?
- 02-**Que diferença você vê em sua cidade hoje, comparando a 20 ou 30 anos atrás?
- 03-**Aumentou a oferta de trabalho e ensino básico na sua cidade nos últimos anos?
- 04-** Você se contenta com os serviços públicos oferecidos em seu município? O que precisa melhorar?
- 05-**Que tipo de mídia você mais acessa (TV, rádio, internet)?
- 06-**Você acha que a internet trouxe alguma mudança para a sua vida? Qual?
- 07-**Você gosta de ouvir música?
- 08-**Quais artistas musicais você mais gosta de ouvir?
- 09-**Tem filhos que moram fora? Onde?
- 10-**O que acha dos jovens de hoje?

TÓPICOS DISCURSIVOS

- 01-**Racismo
- 02-**Acessibilidade (Instituições de ensino, em sua cidade, locais públicos...)
- 03-**Prática de Esportes
- 04-**Política
- 05-**Santa Cruz da Baixa Verde (Clima, problemas, qualidades, política, economia, educação, comércio, serviços...)
- 06-**Família (Relacionamento com cada membro, convivência, data especial...)

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST
OPERAÇÃO COLETA DE DADOS – GETEGRA
Professora: Renata Lívia de Araújo Santos
Alunos: Mônica Jaíne da Silva Souza / Pedro Henrique da Silva Rodrigues

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa **A língua usada em Pernambuco**, realizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, cujo objetivo é analisar o uso e as variações linguísticas presentes na fala dos pernambucanos. A sua participação é muito importante e acontecerá da seguinte forma: a entrevista que você nos concedeu foi gravada, como você pode observar, as falas desta entrevista serão transcritas, para possivelmente serem analisadas por estudiosos sob o ponto de vista da Sociolinguística, que consiste em uma subárea da Linguística. Sua participação é totalmente voluntária e você tem, caso queira, o direito de não aceitar participar, sendo a entrevista gravada descartada pelos pesquisadores sem qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Queremos destacar que as informações apresentadas na entrevista serão utilizadas apenas para fins científico-acadêmicos, sendo que, para preservar sua identidade, as informações serão tratadas com total sigilo e confidencialidade.

Os benefícios/resultados esperados com esse trabalho consistem em reunir dados orais sobre a fala usada em Pernambuco, com o objetivo de obter dados suficientes para uma posterior montagem de fotografias sociolinguísticas.

Informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso você tenha dúvidas ou necessite de mais informações pode entrar em contato conosco através dos e-mails: renatalivia@gmail.com (Renta Lívia de Araújo Santos) e pedrohenrique270692@gmail.com (Pedro Henrique da Silva Rodrigues) /

mjainealves18@gmail.com (Mônica Jaíne da Silva Souza) e/ou pelos telefones 087988313455 (Pedro Henrique da Silva Rodrigues) / 087988131070 (Mônica Jaíne da Silva Souza). Este termo será devidamente preenchido e assinado em duas vias de igual teor, sendo uma das vias entregue a você.

Serra Talhada, _____ de _____ de 2018.

Mônica Jaíne da Silva Souza

Pedro Henrique da Silva Rodrigues

Pesquisador(a)

Pesquisador(a)

RG 9637642 SDS/PE

RG 8819402 SDS/PE

Renata Livia de Araújo Santos

Profa. orientadora

RG 2002001330025 SSP/AL

Eu, _____,
tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre os procedimentos e objetivos da
pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita neste
documento.

Assinatura do entrevistado (ou impressão dactiloscópica)

Assinatura do responsável (no caso de o entrevistado ser menor de idade)

Data: _____